

INFORMATIVO SÃO VICENTE

PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO



EDITORIAL

Transformações

Reunidos na Fazenda do Engenho, em Santa Bárbara-MG, os assembleistas da Província Brasileira da Congregação da Missão decidiram transformar a bicentenária instituição. Trinta e nove coimãos, de um total de sessenta e dois, votaram a favor da mudança da natureza jurídica da Província, que agora passará a ser civilmente reconhecida como uma Organização Religiosa. Nos transformamos no que já éramos. Se antes, por uma convenção referente à uma época tínhamos um CNPJ registrado como entidade beneficente de assistência social, de agora em diante nossa identidade jurídica corresponderá mais ao nosso carisma.

Nesta mesma assembleia, onde buscamos nos reinventar juridicamente, houve um momento reservado para que falássemos sobre como estamos enquanto “pessoas físicas”, convivendo dentro da instituição PBCM. Esta parte deu “pano para manga”. Várias insatisfações foram elencadas, principalmente no que diz respeito às nossas relações fraternas, ao nosso estilo de vida e à inserção dos novos coirmãos nas obras. Aqui não é espaço para detalhar cada uma dessas pequenas feridas, que tanto nos incomodam. O certo é que um olhar mais atento e sincero sobre essas feridas demonstra que elas são mais profundas do que acreditávamos. Ficou claro que, mais que uma transformação jurídica, precisamos também de uma transformação do coração.

O sincero desabafo dos coirmãos demonstrou que, dentro do nosso contexto provincial, parece mais fácil transformar a instituição do que as pessoas. Vivemos uma época complexa, tempo de muita ansiedade, somado a alguma depressão e tristeza, acompanhado de pitadas de intolerância, o que gera uma convi-

vência um tanto quanto espinhosa em alguns de nossos espaços. Acredito que o encontro geracional é um tema que deveríamos prestar mais atenção; as gerações estão cada vez mais díspares tanto na linguagem, quanto no modo de agir. Há alegrias? Muitas. Inclusive, falando das minhas impressões pessoais, acho que nossa fraternidade supera, de longe, nossos dissabores comunitários. Porém, estes dissabores merecem muita atenção de nossa parte, porque por menores que sejam, são mais facilmente multiplicados entre nós.

O tempo da quaresma todos os anos nos convida à conversão pessoal, a uma transformação do nosso jeito de agir, especialmente em relação ao próximo. Em seguida, o período pascal quer fazer de nós homens novos, ressuscitados, capazes de transparecer Cristo em nós. Nada disso é possível apenas a partir das mudanças e das propostas realizadas pela instituição, tudo depende de como cada um acolhe cada proposta e, em um momento paralelo, se propõe à resmuda da própria vida. Como diria o famigerado “compadre meu Quelemém”, que era homem fora de projetos, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho..

Pedimos desculpas aos leitores pelo atraso desta edição, que mesmo correspondendo aos meses de janeiro à março, só foi fechada no final de abril.

Dois de nossos mais importantes colaboradores se foram em um curto período de tempo. O Informativo São Vicente 322 é uma homenagem a eles. Pe. Luiz de Oliveira Campos e Padre Lauro Palú, continuamos contando com a intercessão de vocês, agora na missão do céu.

Ir. Adriano Ferreira, CM

Ilustração: Jean-François Millet
"Homem com uma enxada" (recorte)
Getty Museum



SUMÁRIO



Província Brasileira da
Congregação da Missão

Palavra do Visitador | pág. 4

Ano vocacional
Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Espaço dos Seminaristas | pág. 5

Tempo da quaresma
Sem. Lucas Pena e Sem. Carlos Diniz

CM Global | pág. 6

Encontro de provinciais e conselheiros - Clapvi
Pe. Eli Chaves dos Santos

Cotidiano Provincial | pág. 8

Ordenações presbiteras na PBCM
Da redação

Família Vicentina | pág. 15

Missões quaresmais
Da redação

Artigo | Pág. 12

O santoral da Família Vicentina
Pe. Denilson Matias, CM

Cotidiano Provincial II | pág. 14

Pastorais de Comunicação
Sacha Leite

Artigo II | pág. 16

60 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II
Pe. Paulo Venuto, CM

Artigo III | pág. 18

Campanha da Fraternidade?
Pe. Erik Carvalho, CM

Espiritualidade | pág. 21

Espiritualidade Vicentina e as Bem-Aventuranças
Pe. Alexandre Nahass, CM

In Memoriam | pág. 22

Pe. Luiz de Oliveira Campos
Pe. Dejair Roberto de Rossi, CM

In Memoriam II | pág. 26

Salve, Pe. Lauro Palú!
Ir. Adriano Ferreira, CM

Entrevista

A obra poética de Lauro Palú
Sacha Leite

Notícias da PBCM | pág. 30

Cultura | pág. 31

Dica de filme: Rosa e Momo
Pe. Alexandre Nahass, CM

EXPEDIENTE

ISV Nº 322

INFORMATIVO SÃO VICENTE é uma publicação trimestral
da Província Brasileira da Congregação da Missão
ISSN 2596-2132

Direção Provincial 2020-2024

Visitador: Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Conselheiros: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM | Pe.
Emanoel Bedê Bertunes, CM | Ir. Adriano Ferreira Silva, CM
Pe. Gentil José Soares da Silva, CM

Redação

Editor: Ir. Adriano Ferreira Silva, CM

Jornalista Responsável: Sacha Leite MTB 30383/RJ

Colaboraram nesta edição

Pe. Allan Ferreira | Pe. Alexandre Nahass
Sem. Carlos Diniz | Pe. Dejair de Rossi | Pe. Denilson Matias
Pe. Eli Chaves | Pe. Erik Carvalho
Sem. Lucas Pena | Pe. Paulo Venuto

Revisão

Sacha Leite

Impressão e acabamento

Gráfica Printi

Site

pbcm.org.br/informativo

Contato da Redação

informativo@pbcm.org.br

Tel: (21) 3826-1431

Correspondência

Av. Almirante Barroso, 91 sl. 914
Centro Rio de Janeiro 20031-916

Tiragem desta edição

300 exemplares

Foto de Capa

Ir. Adriano Ferreira

Edição Fechada em 30/04/2023

As matérias e artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não expressando, necessariamente, a opinião dos editores do Informativo São Vicente. Desde já, pedimos desculpas por possíveis equívocos ou imprecisões que o bondoso leitor relevará e corrigirá.

Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Ano Vocacional

Recuperar e viver o verdadeiro e evangélico sentido do Discipulado

“O correr da vida embrulha tudo, / a vida é assim: esquenta e esfria, / aperta e daí afrouxa, / sossega e depois desinquieta. / O que ela quer da gente é coragem. / O que Deus quer é ver a gente / aprendendo a ser capaz / de ficar alegre a mais, / no meio da alegria, / e ainda mais alegre / ainda no meio da tristeza! / A vida inventa!” (Guimarães Rosa)

Somos convidados a viver, dia após dia, com firme disposição e sólida convicção interior de viver e levar o Evangelho da Vida aos corações que precisam de cuidado e atenção. Deus nos ama, nos chama e nos fortalece para acolher e testemunhar a graça das graças, Jesus Cristo, o Amor encarnado, caminho, verdade e vida, que nos orienta em nossos descaminhos, nos ilumina na busca da verdade da vida e nos livra dos abismos para o sentido pleno do viver.

Este dom, proposta e projeto de vida, se defronta hoje com uma realidade incrivelmente desconfortante e desafiante. Fala-se que estamos passando de um mundo VUCA (Volátil, Incerto, Complexo e Ambíguo) a um mundo FANI (Fragil, Ansioso, Não linear e Incompreensível). Esta compreensão atesta que vivemos num mundo acelerado, frágil, imprevisível e cheio de perguntas, principalmente após a pandemia da Covid-19. O imprevisível deste mundo sem raízes, de certezas abaladas e cheio de ansiedade e insegurança pelo desconhecido pode prejudicar o foco, os ideais, a coerência e a consistência da vida.

Disse Lewis Carroll, “se você não sabe onde quer ir, qualquer caminho serve”. E isso pode acontecer, também na vivência da fé, no interior da Igreja e da Vida Consagrada. Nestes tempos obscuros e imprevisíveis, muitas vezes, pode ocorrer e de fato ocorre a crise do discipulado: Jesus, em suas práticas e ensinamentos, deixa de ser referência transformadora para a vida. Muitas concessões feitas a práticas e ideologias do momento atual levam a um seguimento: de reducionis-

mo de Deus, de Cristo e seu Reino aos limites e interesses do próprio eu; marcado pelo individualismo e mundanismo; cheio de práticas devocionais e esvaziado de seu sentido ético e humano; de adesão a Cristo sem a Igreja ou a Igreja institucionalizada sem Cristo; autorreferencial, que manipula o evangelho a partir de interesses pessoais de poder e ofusca o sentido do serviço e do amor ao próximo; refém de traumas e transtornos pessoais, com práticas contrárias ao essencial do evangelho; proselitista, que perverte o sentido da missão e impede a comunhão...

O discipulado se enraíza na profunda, pessoal e intransferível experiência de encontro com Jesus que marca um antes e um depois na experiência de vida. Fazer-se discípulo de Jesus leva a ser pessoa nova, a entrar num novo modo de pertencer à comunidade humana, a configurar um novo estilo de vida evangélica e impregnada do amor, da justiça e da esperança.

O atual cenário, com suas muitas, novas e inquietantes demandas, requer resiliência, mas sobretudo fidelidade à pessoa e palavra de Jesus para buscar as difíceis respostas para os desafios que surgem. Urge aprofundar, recuperar e viver o verdadeiro e evangélico sentido do discipulado e nele configurar nosso estilo de vida.

O discípulo é alguém que, a partir do encontro com Jesus, busca: se converter radical e continuamente; aprender a compreender-se a si mesmo e a vida, de um modo novo; aprender a prática do amor, da justiça e da paz; aprender a pôr a sua segurança não nas suas próprias forças, méritos, gostos e vontades, mas na força do amor de Deus ... ■

O discipulado se enraíza na profunda, pessoal e intransferível experiência de encontro com Jesus que marca um antes e um depois na experiência de vida. Fazer-se discípulo de Jesus leva a ser pessoa nova, a entrar num novo modo de pertencer à comunidade humana, a configurar um novo estilo de vida evangélica e impregnada do amor, da justiça e da esperança.

Sem. Lucas Pena e Sem. Carlos Diniz

Tempo da quaresma

“Eis o tempo de conversão, eis o dia da salvação!”

Caríssimos irmãos e irmãs, tempo da Quaresma é este itinerário de deserto que percorremos com toda a Igreja, juntos com Jesus. Como já ouvimos sempre ressoar em nossos ouvidos, o tempo da Quaresma é tempo de conversão. Metanoia, tanto em questão pessoal humana bem como espiritual.

O tempo da Quaresma não pode ser só mais um tempo da Igreja que vivemos, repetidamente. Mas, deve ser um tempo novo, um tempo vivido por excelência, como o primeiro e o último de nossas vidas.

A Quaresma também é tempo de reflexão, é período de observarmos a questão socioeconômica, pois é tempo de deixarmos o supérfluo do mundo material, extrapolar o que é teórico e irmos à práxis. É época de ir ao encontro do outro para que haja melhor conversão, mais significativa reconciliação. Porém, não somente na mente, mas em atos concretos, aliviando as dores e sofrimentos uns dos outros.

Como já conhecemos, a Quaresma refere-se ao tempo de 40 dias de deserto, que Jesus passou. Contudo, ele passou esse tempo para que ao final a libertação por meio do Mistério Pascal acontecesse. Mas o número 40 na bíblia já se mostra muitas experiências, como por exemplo, Moisés que ficou na montanha 40 dias e noites com Deus. Os israelitas exploraram 40 anos a terra prometida. Golias lutou por 40 dias. Elias que foi alimen-

tado por 40 dias, no deserto. Deus adia a destruição de Nínive por 40 dias, até se arrependerem.

No entanto, viver os 40 dias da quaresma com Jesus é muito mais do que viver uma simples quaresma, mas é tempo de nos prepararmos para a libertação suprema, na vida nova que se deu na cruz e, em seguida, a ressurreição.

Como nos ensina São Vicente de Paulo, Jesus nada reclamou na paixão e morte. Ao contrário, tudo viveu com mansidão, profundo amor e zelo pela nossa salvação.

Portanto, não fiquemos somente como expectadores, mas entremos neste contexto. Quaresma, paixão, morte e ressurreição com Jesus. Sejamos participantes, dando de comer a quem tem fome e tudo que um ser humano precisa, na medida do possível, para se bem viver, no âmbito espiritual e material.

“E ninguém é tão rico que não tenha nada para receber, e nem tão pobre que não tenha nada para dar”

Saudações, Sem. Lucas Pena

Caríssimos irmãos e irmãs em Cristo e pelo carisma vicentino, desde a Quarta-feira de Cinzas iniciamos o grande Retiro Espiritual denominado pela nossa Igreja como “Quaresma”. Este tempo litúrgico composto por 40 dias, nos atenta a estarmos em constante atenção com nossa vida espiritual e atenção com os nossos irmãos e irmãs, em especial os mais pobres e fragilizados. Oração - Jejum - Caridade: são os pilares essenciais que a Sagrada Liturgia nos propõe para realizarmos, não somente nestes quarenta dias, mas durante todo o tempo de nossa vida. No Seminário São Vicente de Paulo, temos vivido um tempo de profunda interiorização espiritual com a ajuda dos Sacramentos, da Liturgia das Horas e da Sagrada Escritura. Peço que rezem para todos nós, seminaristas, para que com o auxílio de Deus e da Santíssima Virgem, a Senhora das Graças, possamos viver de maneira plena e agradável, ao Senhor este tempo de graça. Saúde e Paz a todos!

Sem. Carlos Diniz ■





Coirmão das províncias latinoamericanas da CM reunidos em Chinauta, na Colômbia

Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Foto: Arquivo Paróquia São José

Encontro de provinciais e conselheiros - Clapvi 2023

Desafios e horizontes para a missão vicentina na América Latina

A Conferência Latino-Americana das Províncias Vicentinas (CLAPVI) se reuniu em Chinauta região de Fusagasugá, Colômbia, de 9 a 12 de fevereiro de 2023, com a presença do Superior Geral, Pe. Tomás Mavric, CM, dos Assistentes Gerais Pe. Nélio Pita, CM, e Pe. Aarón, Guitiérrez, CM, e de 50 representantes das províncias, vice-províncias e regiões da Congregação da Missão, na América Latina.

Com o objetivo de revitalizar a CLAPVI, neste tempo de pós-pandemia e dentro das prioridades definidas pela 43ª Assembleia Geral da Congregação da Missão, os participantes refletiram sobre os desafios da realidade e os horizontes da missão vicentina, inseridos nestes tempos de crise e de tantas perguntas sem respostas.

Em meio a um ambiente de fraterna convivência e rica partilha, foram definidas algumas propostas e compromissos para a retomada das atividades da Conferência.

Dentro dos limites de tempo para a reflexão e para além das decisões tomadas, o encontro ajudou a despertar para os apelos atuais que chamam a Congregação da Missão a colocar-se em saída, a sair da crise e a ser fiel e fecunda em sua missão vicentina. As reflexões conduzidas pelo padre G. Naranjo, Tomás Mavric, Aarón Guitiérrez e Guilherme Campuzano apresentaram alguns elementos que interpelam e iluminam hoje o caminhar vicentino na América Latina, cujas principais ideias sintetizo nos parágrafos que se seguem.

A CLAPVI, em seus mais de 50 anos de trajetória, e suas muitas atividades, foi de fundamental importância na renovação e animação das Províncias da Congregação da Missão na América Latina, sobretudo as de língua espanhola. Nesse sentido, ajudou na recepção do Concílio Vaticano II, no assimilar e assumir a caminhada teológica e pastoral libertadora iniciada por Medellín, na articulação e colaboração das Províncias na busca por uma vida e missão encarnada na opção pelos pobres... Hoje, fiel à sua história, é chamada a revitalizar-se, colaborando com a revitalização da missão vicentina, acolhendo toda a riqueza inovadora e evangélica do magistério doutrinário e testemunhal do Papa Francisco e tendo como referências irrenunciáveis: a realidade latino-americana e suas mudanças, a acolhida fiel e encarnada do Vaticano II na América Latina, a centralidade da Palavra na vida e missão da Igreja, a evangélica opção pelos pobres, a chamada à conversão diante dos escândalos e a reconfiguração da Vida Consagrada (Pe. Naranjo).

A Congregação da Missão caminha rumo a seus 400 anos de existência. Neste caminhar, faz-se necessário perguntar “quem somos nós” e não tanto “o que fazemos nós.” A profunda experiência espiritual de encontro e seguimento de Cristo evangelizador dos pobres é decisiva, requer visitar e viver o ideal vicentino proposto nas Regras Comuns e Constituições. Impregnado e configurado neste espírito, assumir as prioridades da Assembleia Geral, para que a Congregação seja mais missionária, viva um novo Pentecostes que a torne mais comprometida com as Missões Ad Gentes e a Formação, sem ficar presa ao convencional trabalho paroquial (Pe. Tomaz Mavric).

Na América Latina e no mundo, se vive um momento de ampla e profunda crise, com novas situações socioeconômicas (novas tecnologias, aumento da pobre-

za, guerra e divisões, crise ambiental...) e religiosas (novos conceitos de religião e espiritualidade, decadência da Igreja Católica...) que reclamam a construção de uma nova etapa evangelizadora. É preciso buscar caminhos para repensar a missão vicentina: sair da mediocridade de um encontro com Cristo sem evangelho; retomar o caminho profético na evangelização; assumir a saída missionária como condição para ser discípulo missionário; aprofundar a conversão a Deus e ao irmão, no âmbito das consciências, das relações pessoais e comunitárias, da superação das relações designais e discriminatórias e das estruturas; desenvolver a capacidade de caminhar juntos na sinodalidade (Pe. Aarón).

O futuro da Congregação e de sua relevância histórico-evangélica depende de sua revitalização, com a construção de um estilo de vida, a partir de três chaves interpretativas do carisma: a) O seguimento de Cristo a modo de São Vicente: Cristo presente nos pobres e vulneráveis. É preciso superar a atual crise no seguimento de Cristo: aprofundar a adesão a Cristo em seu testemunho transformador e gerador de vida nova e fraterna; pensar a Congregação dentro da Igreja, sem restauracionismos e clericalismos, mas na diaconia do humano, da justiça social e ambiental; recuperar a dimensão profética da missão vicentina de anúncio compassivo do evangelho aos pobres, sem se prender a assuntos internos, liturgicisms e devocionismos... b) Salto ético: cultivar a paixão pela vida, dom de Deus. O atual modo de existência humana é insustentável; a escandalosa iniquidade social requer ser vanguarda profética ao lado dos pobres na busca do bem comum de vida digna e solidária para todos. c) Salto ecológico: A atual crise planetária aponta a necessidade de abraçar a dimensão ecológica na vida e na fé; tudo está interligado, a terra nos precede e nos governa. A paixão pela vida, na novidade do amor de Cristo,

requer proteger e construir responsabilmente a Casa Comum (Pe. G. Campuzano).

Assumir a evangelização dos pobres em sintonia com os apelos e oportunidades do mundo atual, com simplicidade, humildade, mortificação, mansidão e zelo, eis as desconcertantes exigências e inquietações a serem abraçadas com fé, esperança e como caminho de revitalização da missão vicentina. ■

Coirmãos de língua portuguesa reunidos na Clapvi. Ao centro, padre Nélio Pita, conselheiro Geral.



Foto: Divulgação CLAPVI

Da Redação

Ordenações Presbiterais na PBCM

Celebrações em quatro cidades marcam a consagração dos neosacerdotes lazaristas



Foto: Adriano Ferreira

Ao longo do derradeiro mês de 2022 e da abertura do ano de 2023, foram consagrados quatro novos sacerdotes para o serviço aos pobres, na Província Brasileira da Congregação da Missão. Ordenaram-se padres Allan Júnio Ferreira e Michel Araújo Silva, em Minas Gerais, Cléber Fábio Oliveira Teodósio, no Ceará, e Túlio Medeiros da Silva, no Rio de Janeiro.

Cléber Fábio Oliveira, CM, recebeu o segundo grau da Ordem pela oração da Igreja, por meio da prece de ordenação e imposição das mãos de Dom José Luiz Gomes de Vasconcelos, Bispo da Diocese de Sobral. A cerimônia foi realizada na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, em Bela Cruz, Ceará, às 18h, do dia 26 de novembro de 2022.

Pe. Cleber, que escolheu como lema "Eleva os humildes" (Lc 1, 52), presidiu a primeira missa na mesma Igreja no dia seguinte em que foi ordenado, às 7h da manhã, data em que a Família Vicentina e toda a Igreja Católica celebraram a Medalha Milagrosa de Maria Santíssima, 27 novembro. Ele continuará servindo na Paróquia Pai Misericordioso, em Belo Horizonte, Minas Gerais, onde desenvolveu o seu diaconato.

O Diác. Michel, por sua vez, foi ordenado presbítero pela oração consecratória e imposição das mãos de Dom José Carlos Chacorowski, bispo da Diocese de Caraguatatuba, na Igreja Matriz Sant'Ana, em Bambuí, Minas Gerais, às 19h, do dia 3 de dezembro de 2022.

O lema que Michel escolheu para nortear seu ministério foi tirado de Filipenses 2,5: "Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus". O neopresbítero presidiu pela primeira vez a Santa Missa no Santuário São Sebastião, também em Bambuí, às 9h30, do dia 4 de dezembro de 2022, e experimentou a alegria de celebrar os 35 anos de matrimônio de seus pais. O novo padre seguirá servindo na Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, em Riacho Fundo II, Distrito Federal, onde trabalhou como diácono.

Em ambas as ordenações estiveram presentes o Visitador Provincial, Pe. Eli Chaves dos Santos, CM, diversos padres, diáconos e estudantes da Província, membros do clero e seminaristas das dioceses anfitriãs, Filhas da Caridade, Juventude Mariana Vicentina, Sociedade de São Vicente de Paulo e outros ramos da Família Vicentina; bem como alguns membros de outras congregações religiosas, pastorais e movimentos; familiares, amigos e os demais filhos da Igreja das respectivas localidades, que se confraternizaram com os neopresbíteros, celebrando tríduos vocacionais nos dias que antecederam as ordena-

ções, conhecendo pessoas novas, fazendo novas amizades, e descobrindo as belezas naturais, culturais e gastronômicas das regiões onde se deram os dois eventos.

Ao início de 2023 e a PBCM celebrou a ordenação presbiteral dos missionários Allan Júnio Ferreira, CM e Túlio Medeiros da Silva, CM. As ordenações de ambos se deram nas cidades onde atualmente residem seus pais: Ouro Preto, em Minas Gerais e Cabo Frio, no Rio de Janeiro, respectivamente.

O Diác. Allan Júnio Ferreira, CM recebeu o segundo grau da Ordem pela imposição das mãos e oração consecratória de Dom Lauro Sérgio Versiani, Bispo de Colatina, na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, em Ouro Preto, Minas Gerais, às 10h, do dia 4 de fevereiro de 2023.

Pe. Allan, que tem como lema: "Haverá um só rebanho e um só pastor" (Jo 10,16b), presidiu a primeira missa na Igreja Matriz de Santa Efigênia, às 7h, do dia 5 de fevereiro de 2023. Ele continuará servindo como Animador Vocacional da Província Brasileira da Congregação da Missão e residindo em Belo Horizonte, Minas Gerais, onde desenvolveu o seu diaconato.

Já a ordenação do Diác. Túlio Medeiros da Silva, CM aconteceu pela oração da Igreja e imposição das mãos de Dom José Francisco Rezende Dias, arcebispo de Niterói, na Paróquia Nossa Senhora da Assunção, em Cabo Frio, Rio de Janeiro, às 10h, do dia 11 de fevereiro de 2023.

O lema eleito por Túlio para iluminar sua caminhada missionária foi extraído de Jeremias 3,15: "Vou dar-vos, pastores, segundo o meu coração". Pe. Túlio presidiu pela primeira vez a Santa Missa na mesma igreja em que foi ordenado, às 18h, do mesmo dia 11. Esse seguirá servindo na Casa Provincial e no Colégio São Vicente de Paulo, no Rio de Janeiro, onde trabalhou como diácono.

Às duas ordenações compareceram diferentes padres, seminaristas, estudantes da PBCM, clero e seminaristas das dioceses anfitriãs, além de membros de diferentes ramos da Família Vicentina; e de outras congregações religiosas, pastorais e movimentos; familiares, amigos e demais filhos da Igreja das respectivas localidades, que se confraternizaram com os neopresbíteros, celebrando tríduos vocacionais nos dias que antecederam as ordenações, conhecendo pessoas novas, fazendo novas amizades, e descobrindo as belezas naturais, culturais e gastronômicas das regiões onde se deram os dois eventos. ■

Da Redação

Colaborou o padre Paulo José, CM

Missões Quaresmais

28 comunidades são atendidas pela Equipe Missionária da PBCM

Entre os dias 7 e 11 de março de 2023, a Paróquia de São José Operário, situada no município de Serra do Ramalho, no recôncavo baiano, realizou missões quaresmais, em 25 de suas comunidades. Essas missões fizeram parte do planejamento da equipe das Santas Missões Populares da PBCM, que consiste em três etapas: missão da Quaresma, missão vocacional, no mês de agosto, e Santas Missões Populares Vicentinas, em janeiro. Destas missões da Quaresma, participaram os padres Ezequiel Alves, CM, Vanderlei Alves dos Reis, CM, Raimundo João, CM, Gustavo Alivino, CM, Paulo José, CM, além de alguns padres visitantes e das Irmãs Franciscanas Alcantarinas. Foram cinco dias intensos de visitas aos enfermos nas 25 comunidades, realizadas pelos padres e irmãs. Ao término de cada dia, houve celebração Eucarística em cada comunidade. Ademais, nos dias 17 e 18 os padres Gustavo e Paulo José completaram a missão em outras três comunidades, ampliando para um total de 28 comunidades missionadas.

Sobre o número de residências visitadas, Pe. Paulo José informou que, nas agrovilas, a média era de 18 residências, chegando a visitar até 30 enfermos na região. Nas comunidades rurais menores a média foi de cerca de oito a 10 casas, atendendo a aproximadamente 15 enfermos. Houve espaço para as confissões, mas na maioria das comunidades não houve adesão. Pe. Paulo avaliou a semana missionária quaresmal da seguinte forma: “intensa, carregada de entusiasmo dos padres, das irmãs e dos fiéis que nos acompanharam nas visitas, e portadora do genuíno amor de Jesus pelos que mais sofrem, os enfermos”.

Em relação à semana quaresmal, Pe. Ezequiel, coordenador da Comissão de Missões da PBCM, declarou à redação do Informativo São Vicente: “manifesto minha gratidão a Deus pela experiência renovadora das pessoas em manifestar a alegria de serem visitadas e terem oportunidade de confessar-se em atendimento personalizado de escuta e atendimento dos sacramentos da Unção dos enfermos para os doentes, nas suas humildes residências, com bênção da família e da casa. Agradecemos imensamente à PBCM, que nos proporciona essa oportunidade, juntamente com os padres e equipe missionária de Serra do Ramalho”. ■



Foto: Enviadas pelo missionários

Os coirmãos em missão: Pe. Raimundo (duas primeiras fotos à esquerda), Pe. Gustavo (com o guarda-chuva) e Padre Vanderlei (à esquerda, abaixo). Nesta página, padre Ezequiel.

Foto: Enviada pela autora do artigo



Pe. Denilson Matias da Silva, CM

O santoral da Família Vicentina

O santos vicentinos, muitas vezes esquecidos por nós, são um tesouro escondido

A Família Vicentina tem sido um celeiro de santos, santas, bem-aventurados e bem-aventuradas na Igreja Católica. Antes mesmo da sua configuração como Família Vicentina, estes testemunhos têm ecoado na Igreja e no meio dos pobres. São mulheres, homens, jovens, presbíteros, consagradas e consagrados, leigos e leigas, que conformam um grande número de vidas entregues à missão vicentina. Podemos afirmar que nossa família é família triunfante. Uma porção nossa é exemplo do seguimento de Jesus Cristo evangelizador dos pobres e canal de intercessão para a continuidade da nossa missão.

Pediram-me um artigo sobre uma santa da Família Vicentina, celebrada no dia 4 de janeiro, Santa Elizabeth Ann Bayley Seton (1774 – 1821). Penso ser um dos poucos brasileiros apaixonados por sua vida, ao ponto de ter uma considerável quantidade de livros sobre ela. Elizabeth Seton foi a primeira nativa norte-americana canonizada como santa. Morreu antes de ver seu sonho realizado, a junção da congregação fundada por ela à Companhia das Filhas da Caridade. Sua fundação, as Irmãs da Caridade de São José, cujas regras foram adotadas da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac, fundiu-se com as irmãs vicentinas depois de sua morte, aos 25 de março de 1850. Além dessa junção, a semente de Seton originou outras congregações femininas que adotaram as regras das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac. Algumas delas fizeram poucas modificações nas regras originais das Filhas da Caridade.

Pois bem, contrariando o pedido da redação, não escreverei sobre Elizabeth Seton. Isso poderá ficar para outra ocasião. Ao começar a escrever sobre ela, pude perceber que, apesar da sua grandeza como mulher, fundadora e santa, ainda se trata de uma desconhecida para muitos brasileiros e para maioria da Família Vicentina. Isso não a coloca em um lugar solitário. Percorrendo as páginas do Santoral da Família Vicentina, que já está desatualizado, constatei que grande parte daqueles e daquelas que o compõem não passam de santos e santas, beatos e beatas, desconhecidos pelo grande público da Família Vicentina.

Temos um grande tesouro, um verdadeiro celeiro de santidade, mas, que por falta de curiosidade e, talvez, por falta do nosso interesse pessoal, torna-se um tesouro inexplorado.

Citarei alguns nomes desses nossos santos e santas, beatos e beatas, como exercício de reconhecimento e, estou certo, poucos saberão algo sobre eles: Odila Baumgarten, Josefina Nicoli, Giacomo Cusmano, Zeferino Giménez, Marta Wiecka, Justino de Jacobis, Ghebra Michael, Agostina Pietrantonio, Gabriel Perboyre, Maria Poussepin, Joana Antida Thouret. Certamente, os consagrados e consagradas da Família Vicentina poderão reconhecer a maioria. Reconhecer, pelo nome, não é conhecer, não é saber a história, não é o mesmo que ter se aprofundado nos seus testemunhos. Grande parte da Família Vicentina não os conhece por falta de acesso às suas biografias, às

suas edificantes histórias e só me resta dizer que, às vezes, ou na maioria delas, temos um tesouro retido. Temos um baú que deve ser aberto e partilhado, dentro da família e fora dela, isto é, com a Igreja, com o povo de Deus.

O testemunho dos nossos santos e bem-aventurados não pode ficar adormecido, escondido. A partir destes relatos, de vidas que se entregaram, poderemos nos animar e animar outras pessoas. São testemunhos vivos de santidade, exemplos de total dedicação à missão e ao serviço do povo de Deus.

É martírio, espiritualidade do testemunho, que enriquece a nossa caminhada no carisma vicentino. Eles e elas nos precederam com coragem e as suas vidas contadas, rezadas, lidas e relidas nos encorajam a prosseguir.

Essas linhas escritas, que deveriam ser sobre uma santa, tornaram-se linhas de muitos e muitas que precisam sair das nossas caixas e bibliotecas. Por meio desse artigo, proponho à Família Vicentina, neste ano vocacional, que comecemos a contar a história dos nossos heróis e heroínas. Torná-los conhecidos, a partir de diversos meios, narrar os seus relatos vocacionais e, mais que os dar a conhecer, afirmar o nosso carisma como um chamado à santidade de vida e ao martírio. Abramos o baú e contemos a nossa história a partir da história dos que bem viveram o chamado vicentino. ■

O testemunho dos nossos santos e bem-aventurados não pode ficar adormecido, escondido. A partir destes relatos, de vidas que se entregaram, poderemos nos animar e animar outras pessoas. São testemunhos vivos de santidade, exemplos de total dedicação à missão e ao serviço do povo de Deus.

SANTOS, BEM-AVENTURADOS E VENERÁVEIS DA FAMÍLIA VICENTINA

 Santa Elizabeth Ann Bayley Seton 4 de Janeiro	 Bem-Aventurado Zeferino Gimenez 4 de Maio	 São Francisco Regis Clet 9 de Julho	 Beato Contardo Ferrini 20 de Outubro
 Beata Lindalva Justo 7 de Janeiro	 Santa Luísa de Marillac 9 de Maio	 São Justino de Jacobis 30 de Julho	 Beata Maria Poussepin 20 de Outubro
 Beatas Odila Baumgarten e Ana Maria Vaillot 1 de Fevereiro	 Santa Joana Antida Thouret 23 de Maio	 Servo de Deus Dom Helder Câmara 27 de Agosto	 Beatas de Astorga 28 de Outubro
 Beata Josefina Nicioli 3 de Fevereiro	 Beata Marta Maria Wiecka 30 de Maio	 Beato Ghebra Michael 30 de Agosto	 Bem-aventurados Mártires da Espanha 13 de novembro
 Beata Rosalie Rendu 7 de Fevereiro	 Mártires de Arras 26 de Junho	 Beata Isabel Cristina 01 de Setembro	 Santa Agostinha Livia Pietrantoni 13 de novembro
 Beato Giacomo Cusmano 14 de Março	 Bem-aventurada Margarida Rutan 26 de Junho	 Bem-aventurados Mártires na Revolução Francesa/ Beato Luís José François e seus companheiros 2 de Setembro	 N. S. da Medalha Milagrosa 27 de Novembro
 Transladação das relíquias de São Vicente de Paulo 26 de Abril	 Bem Aventurada Nemesia Valle 26 de Junho	 Beato Frederico Ozanam 9 de Setembro	 Santa Catarina Labouré 28 de Novembro
 Santa Giana Bereta Molla 28 de Abril	 Beato Pedro Jorge Frassatti 4 de Julho	 São João Gabriel Perboyre 11 de Setembro	 Beato Marco Antônio Durando 10 de Dezembro
 São Ricardo Hermínio Pampuri 1 de Maio	 Servo de Deus Dom Viçoso 7 de Julho	 São Vicente de Paulo 27 de Setembro	

@oh.aurelio



Foto: Enviadas pelas equipes de PASCOM

Sacha Leite

Pastorais de Comunicação

Desafios da pandemia trouxeram mais pasconeiros e iniciativas de comunicação às comunidades vicentinas

Em meio às inúmeras dificuldades trazidas pela pandemia do Covid 19, houve também o inevitável desenvolvimento das ferramentas de Comunicação, o que incluiu o aquecimento das ações de Pastorais da Comunicação. Tendo em vista a iminente necessidade de filmagens, transmissões on-line de celebrações eucarísticas e reuniões remotas com os paroquianos, muitas paróquias aumentaram as iniciativas na área, fortalecendo as estruturas de Pascom, envolvendo mais gente nessas pastorais e equipando-se mais e melhor.

Marcus Tullius, coordenador geral da Pascom Brasil, representação nacional ligada à CNBB, que assessorou o II Simpósio Provincial de Comunicadores Vicentinos, afirma que o diferencial do trabalho da Pascom está no que é comunicado: “não é algo que pode ser realizado de maneira mecânica ou instrumental, mas deve nascer a partir do encontro pessoal com Cristo”. Logo, a atuação do pasconeiro, segundo Marcus Tullius, deve incorporar, além da técnica, a espiritualidade.

A redação do Informativo São Vicente entrou em contato com alguns representantes de Pastorais da Comunicação das paróquias mantidas pela PBCM, a fim de apurar como têm sido as práticas adotadas no pós-pandemia. Dentre as questões abordadas, procuramos saber quantas pessoas têm se envolvido nas ações das Pascoms, quais são as atividades desenvolvidas, os tipos de dificuldade que costumam enfrentar, os objetivos e se estão precisando de algum apoio.

Gláucia, da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, informou que criaram a Pascom em 2022, a convite do Padre Juarez Carlos, CM, atual pároco. Desde o princípio

Varley esteve como coordenador, contando com outros seis paroquianos. “Assim que foi feito o convite, comecei a pesquisar o que era a Pascom e me identifiquei bastante com o trabalho”, contou Gláucia. Ela explicou que, no momento, a paróquia está presente nas redes sociais Instagram e Facebook. Recentemente, começaram a produzir um Informativo paroquial impresso e iniciaram a criação de uma homepage da paróquia. “Para este ano de 2023 está programado um circuito nas comunidades para conversar com os coordenadores e saber de cada um sobre necessidades em comunicação”, explica Gláucia.

Pe. Dejair de Rossi, CM, forneceu à redação do Informativo São Vicente o contato de Cleonice, que engajou-se na comunicação do Curato Divino Espírito Santo, também em Contagem-MG. “Formamos um grupo no WhatsApp da Comunidade, que utilizamos para atualizar os fiéis sobre acontecimentos do Curato, Arquidiocese, Região Episcopal. Também ali colocamos diariamente o Evangelho e um vídeo com homilia”. Cleonice partilha que gostaria de divulgar, também diariamente, vídeos com o Cura, Pe. Dejair de Rossi, porém tem ciência de que é uma meta arrojada.

Segundo ela, o Curato mantém páginas no Facebook, Instagram e pretendem abrir um canal no YouTube. A paroquiana mencionou também sobre os ganhos obtidos a partir da pandemia: “eu não tinha a menor ideia de como transmitir ao vivo, fazer uma live, fazer um design e não conseguia ninguém da comunidade...resultado? Deus agiu. Não diz o ditado ‘carro apertado é que anda?’ (risos)”. Ela comentou que, desde então tem tentado levar os companheiros pasconeiros a fazer os cursos e



Da esquerda para a direita: equipe de Contagem, equipe de Itapuã do Oeste, equipe de Riacho Fundo II e equipe do Curato Divino Espírito Santo.



oficinas que a Região Episcopal e mesmo a Pascom oferecem.

Já na Paróquia São José - Calafate, situada na cidade de Belo Horizonte-MG, Matheus Orlandi relata que sua entrada na Pascom aconteceu em meados de 2020, a pedido do pároco, para contribuir na implementação de atividades e ações emergenciais da pandemia. “Como a Pascom é a Pastoral que liga todas as outras pastorais e está presente no cotidiano da Igreja, nos eventos e na manutenção da comunicação com os fiéis, para que seja desenvolvido um bom trabalho acredito sim que deve haver uma formação e articulação para executar os projetos teoricamente pensados, promovendo treinamentos, cursos e aprimoramentos a fim de se executar e produzir conteúdos de qualidade”, opina Matheus. Ele ressalta que um ponto desafiador das Pascoms é o fato de que os envolvidos nem sempre são tecnicamente capacitados, já que frequentemente estão na condição de voluntários.

Brendo, que há seis anos participa das ações de comunicação da paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, em Riacho Fundo II-DF, e atualmente coordena as atividades da Pascom, conta que sua motivação está em corresponder às necessidades da paróquia, por meio das habilidades adquiridas em sua formação, na área de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. Ele diz que a Pascom conta com oito participantes, atualmente, e que, em sua opinião, idealmente poderia envolver cerca de 15 voluntários.

De acordo com sua experiência, é possível perceber que a Pascom está fazendo um bom trabalho quando os paroquianos e as comunidades estão “por dentro” do planejamento e das realizações da paróquia. “O pasconeiro precisa gostar de se comunicar, e saber expressar isso em

trabalho, seja de forma escrita, visual, fotografada, gravada. E reconhecer que o seu trabalho tem como objetivo uma só coisa, tornar o evangelho cada vez mais conhecido”.

O profissional de comunicação William, de Campina Verde-MG, fala que se inseriu nas atividades da Pascom da paróquia homônima à de Riacho Fundo II, no ano de 2017. Com páginas nas redes sociais Instagram, facebook, Youtube e participação em rádio FM, a Pascom da paróquia NSMM de Campina Verde procura deixar as 10 comunidades atendidas pela paróquia a par das notícias e novidades. Atualmente William e Zogmar coordenam as atividades desta Pastoral de Comunicação.

No estado de Rondônia, no pequeno município de Itapuã do Oeste, Raineta “toca” o projeto de engajar mais voluntários na Pastoral de Comunicação da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes: “A minha caminhada na igreja, desde 2017, vem envolvendo a situação de relatar, registrar, informar a rotina da Comunidade Nossa Senhora de Lourdes e se estendendo para as demais comunidades da Paróquia. Ao iniciar a pandemia, com os decretos de suspensão das missas presenciais, iniciei as atividades de realização de lives, fotografias, avisos e até realização de eventos da igreja de forma on-line. Foi assim que iniciei as atividades neste contexto comunicativo”.

Segundo Netinha, a maior dificuldade enfrentada hoje é a falta de entendimento da necessidade da pastoral em si e a falta de equipamentos necessários para a implantação de uma Pascom. “As atividades comunicativas são essenciais em toda paróquia, para dinamizar e fazer conhecida todas as situações para os paroquianos das 15 comunidades paroquiais”, defende a paroquiana. ■

Pe. Paulo Venuto, CM

60 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II

O *aggiornamento* da Igreja segundo o olhar de um padre da missão

Com poucos meses de Caraça, me intrigava o assunto mais recorrente e comentado: “vai começar o Concílio!”. Concílio ... o que é isso? me perguntava. Por mais que os padres ou alguns colegas mais antigos tentassem explicar, não conseguia entender. Falavam do Papa João XXIII, “aquele velhinho!” De alguma coisa sobre esse “Papa velhinho” me recordava, quando os sinos da Basílica do Seminário de Diamantina dobraram, anunciando a morte de um Papa, em 1958. “É o Pio XII!”, dizia meu pai. Os sinos da mesma Basílica tornaram a soar na eleição do novo Papa. “Vai se chamar João XXIII!”. João como o meu pai. Desses momentos me lembrava, mas o que significava um Concílio... Só com o tempo, fui aprendendo na prática, à medida que esta “reunião” dos Bispos do mundo inteiro foi acontecendo. Nas leituras do refeitório, as atas de cada sessão eram lidas em alto e bom som. E nós, enquanto trabalhávamos com os talheres, atentos, acompanhávamos, acostumando-nos com os termos, muitas vezes em latim, difíceis para a cabeça de um menino mal entrado no seminário. Era da lavra do Frei Kloppenburg, OFM, nas páginas da REB, que vinham as notícias sobre as discussões e as decisões tomadas nas muitas sessões. Mais tarde, já cursando teologia, em Petrópolis, mais ciente daquilo que representou o Concílio Vaticano II para a Igreja, tive o próprio Frei Boaventura como professor. Agora, revirando aqui e ali, na memória e nos arquivos, podemos falar alguns traços desse Concílio.

O Concílio Vaticano II, iniciado em 11 de outubro de 1962, no pontificado de João XXIII, estendeu-se até 8 de dezembro de 1965, no papado de Paulo VI. Ao convocá-lo, no dia 25 de janeiro de 1959, o Papa João XXIII, se referiu à necessidade de abrir as janelas da Igreja para que o vento do Espírito Santo pudesse entrar e instaurar “a primavera” na Igreja. Trouxe ao debate um jargão – *aggiornamento*, “atualização”, como a marca desse Concílio, no qual vários temas da Igreja foram abordados pelos padres conciliares e se encontram expressos nos documentos aprovados pelo Concílio: quatro constituições, nove decretos e três declarações.

“O Concílio Ecumênico Vaticano II foi uma verdadeira profecia para a vida da Igreja e o continuará sendo, durante muitos anos do terceiro milênio que acaba de iniciar”, disse o Papa Francisco por ocasião dos 60 anos desse evento que trouxe à Igreja um novo tempo. Também, o então Papa Bento XVI, na audiência geral de 10 de outubro de 2012, reconheceu no Concílio “a grande graça de que se beneficiou a Igreja no século XX”. “Quanta riqueza, amados irmãos e irmãs, nas diretrizes que o Concílio Vaticano II nos deu!” foi o dizer do Papa João Paulo II, na

Carta Apostólica *Novo Millennio inuente*, por ocasião do Grande Jubileu de 2000.

Uma das questões que havia sido perdida e foi retomada é a noção de colegialidade. “O que a maioria das pessoas não percebe é que a colegialidade não foi uma tentativa de ‘democratizar’ a igreja, como seus inimigos gostam de rotulá-la, e, sim, a recuperação de uma tradição antiga segundo a qual o governo normal da igreja era ‘sinodal’, isto é, realizado por sínodos ou concílios”, disse o jesuíta e historiador John O’Malley, por ocasião dos 50 anos da realização do Vaticano II.

O Vaticano II não é um concílio como os outros, é um concílio novo que não se caracteriza por definições cristológicas, que não é influenciado pela controvérsia antiprotestante ou pelo restabelecimento da disciplina eclesiástica.

É um concílio que optou pela forma pastoral da doutrina. De fato, representa uma ruptura em relação aos concílios anteriores e ao clima em que o catolicismo evoluía no momento em que se realizou. Com João XXIII e com o Concílio, a Igreja inicia a transformação do dogmatismo, se interessa com os destinatários e com o contexto histórico e cultural em que se movem.

Também para Pedro A. Ribeiro de Oliveira, o Concílio Vaticano II significou a atualização da pastoral católica. “Muitas mudanças, mas quatro essenciais: Liturgia, para atualizar a forma de expressar coletivamente a Fé; Diálogo com o mundo moderno, e não a Igreja regendo a sociedade; Igreja Povo de Deus, superando a concepção de dois estratos: a hierarquia que governa e o laicato que deve seguir suas ordens; e a Palavra de Deus acessível a todo o Povo de Deus.

São os quatro pilares da Igreja modelada a partir da crise da cristandade (Igreja aliada ao Estado, moldando a civilização ocidental). Daí outras consequências: ecumenismo, opção pelos pobres (na América Latina e Caribe), valorização da diocese como Igreja particular, pastoral de conjunto (conferências episcopais), leitura popular da Bíblia, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em lugar das paróquias, etc.”

Em toda a Igreja, nos anos após o Concílio, principalmente, em nossa América Latina, de modo especial, o seu espírito fez brotar um novo “modo de ser Igreja”. A preocupação de fazer eco ao Concílio, as Assembleias dos Bispos Latino-americanos, em Medellín, em 1968, em Puebla, em 1979, deram um rosto novo à Igreja Latino-americana. O próprio Papa Francisco, no exercício de seu ministério na Argentina, se refere a essa nova caminhada eclesial: “O Concílio se tornou o horizonte de nossas crenças, nossa linguagem e nossa práxis que é, e



Bispos Reunidos para a abertura do CVII em outubro de 1962

e logo se tornou novo ecossistema eclesial e pastoral. Muito simplesmente, o Concílio havia entrado em nossa maneira de ser cristão e de ser Igreja; e, ao longo de minha vida, minhas intuições, preocupações e espiritualidade foram simplesmente geradas pelas sugestões da doutrina do Vaticano II.”

Perguntado sobre o que o Concílio realizou, o Papa Bergoglio, respondeu: “O Vaticano II foi uma releitura do Evangelho à luz da cultura contemporânea. Produziu um movimento de renovação que vem simplesmente do próprio Evangelho. Os frutos são enormes.” É importante lembrar a reflexão teológica anterior que desaguou e permeou os documentos do Concílio. A mudança de postura da Igreja frente à modernidade vinha sendo gestada por uma série de movimentos teológicos, nas décadas que antecederam o Concílio. Destacam-se o Movimento Patrístico, o Movimento Litúrgico, o Movimento Bíblico, o Movimento Leigo, o Movimento Teológico.

O Movimento Patrístico, fruto do aprofundamento dos escritos dos Santos Padres nos mosteiros da França, Bélgica e Holanda, desencadeou o Movimento Litúrgico propondo um maior conhecimento da liturgia e fazendo com que as celebrações não estivessem distantes das experiências das pessoas. O Movimento Bíblico, com as descobertas arqueológicas e o emprego da hermenêutica no estudo dos textos bíblicos, proporcionou o colocar a Palavra de Deus nas mãos do povo. O Movimento Leigo, fruto de um despertar social manifestado nas preocupações com o crescimento do operariado, no fim do século XIX, cujo protagonista principal foi K. Marx, ao lançar o desafio da práxis, da transformação da realidade social em nítida crítica a uma religião, ópio do povo, fez surgir a Ação Católica (JAC, JEC, JOC e JUC) que conseguiu incorporar os vários universos do laicato nos ambientes dos operários, dos jovens estudantes universitários e da área rural. O Movimento Teológico, mesmo com algumas tentativas anteriores abortadas, conseguiu marcar o contexto teológico anterior ao Concílio principalmente a chamada “Nova Teologia”, surgida na França, cuja plataforma de ação foi lançada por Jean Danielou.

Todo esse processo que vinha amadurecendo, e tornou presente no espírito do Concílio e na prática poste-

rior da Igreja, a compreensão de “Igreja povo de Deus”, central nos textos conciliares (citada por nada menos do que 184 vezes). Consequentemente, abriu caminho para a noção de “Igreja-serviço”, “Igreja pobre para os pobres”, um novo modo de ser Igreja. Nela, todos os batizados somos chamados a ser discípulos/as missionários/as e a dar nossa própria contribuição. Também, suscitou o esforço ecumênico, num espírito de diálogo, de respeito à verdade do outro, de reconhecimento da pluralidade;

Consequência de toda essa caminhada de 60 anos, o Papa Francisco retoma e nos ajuda, não só na noção, mas principalmente na consciência e na prática de que somos “Igreja sinodal”.

Antes de convocar do Sínodo sobre a Sinodalidade na Igreja, o Papa Francisco manifestou aos membros da Pontifícia Comissão para a América Latina o desejo de que eles pudessem “dialogar sobre esse tema, uma vez que a experiência da Igreja na América Latina foi expressa, após o Concílio Vaticano II, com alguns elementos marcadamente sinodais”.

Segundo Francisco, a “comunhão” e a “participação” foram as categorias-chave para a compreensão e implementação da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla, e a “conversão pastoral” foi um conceito relevante na IV Conferência Geral de Santo Domingo que depois adquiriria ainda mais centralidade na V Conferência Geral de Aparecida. “Estou convencido de que, de forma avançada, a Igreja na América Latina e no Caribe fez um “percurso caminhando”, ou seja, demonstrou que uma interpretação correta dos ensinamentos do Concílio implica reaprender a “caminhar juntos” diante dos desafios ou problemas pastorais e sociais inerentes à mudança de época. Digo “reaprender” porque para caminharmos juntos é sempre importante manter o pensamento incompleto. Tenho alergia a pensamentos já completos e fechados”. Tal processo se fez presente no “Sínodo para Amazônia”, em 2018, como num ensaio para o “Sínodo sobre a Sinodalidade”, cuja preparação está envolvendo, atualmente, toda a Igreja em todos os continentes. ■

Pe. Erik Carvalho, CM

Campanha da Fraternidade?

É preciso unir esforços para que as pessoas sejam nutridas com o “pão do céu” (eucarístico e com o pão cotidiano, que mata a fome do corpo

O período quaresmal é um momento especialíssimo na vida de toda Igreja de Cristo, em que temos uma oportunidade de nos aproximarmos do nosso Deus, tendo como princípios fundamentais a oração, o jejum e a caridade. Sem prescindir da espiritualidade quaresmal, a Igreja no Brasil nos apresenta um horizonte para a transformação do mundo a partir do Dom da Fé: a Campanha da Fraternidade, que pretende nos apresentar uma realidade a ser transformada na Caridade e pela coragem dos seguidores dos passos de Jesus Cristo. O nome “Campanha da Fraternidade” é uma recordação importante para cada um de nós que professamos a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo, afinal para além dos diversos temas propostos ao longo da história da Igreja no Brasil, é especialmente e, antes de tudo, da fraternidade. Ela nos recorda, especialmente, o nosso parentesco de irmãos, portanto, filhos do mesmo Pai que está nos céus (Mt 5,45). E nunca é demais recordar que Deus é nosso Pai porque, num ato de liberdade e confiança, escolhemos caminhar em seus caminhos, movidos pelo Chamado que Ele mesmo nos fez através de Jesus Cristo, desafiando nossa humanidade a realizar, na Verdade, o seu projeto criador-salvador. É bonito ter como ponto de partida este chamado universal à santidade que o próprio Deus nos faz. “*Sede, portanto, perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito*” (Mt 5,48). Sim, é bonito porque, se estávamos presos no pecado, nas maldades, pela sua Voz, conhecemos a real capacidade de bondade que há em



todo ser humano. Assim, se sabemos que há em nós uma marca do pecado original, enquanto tendência para o mal, para o desatino, tomamos consciência, pela revelação em Jesus Cristo, que há uma marca muito mais preponderante em nós: a Bondade Original (Gn 1,26), por isso o esplendor da Verdade brilha em todo ser humano.

É neste horizonte de sentido, que o tema proposto pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil neste ano de 2023 é demasiadamente provocativo, buscando nos inserir numa realidade gritante e desvelada no mundo inteiro, simples, mas nem por isso menos desafiadora: a FOME. Este espectro, de tão constante na história da humanidade, parece familiar, e não ter mais a capacidade de nos assustar. Mas com a finalidade de não nos perdermos nesta reflexão, é fundamental não esquecermos de quem está no meio de nós, o Senhor. Então uma pergunta não deixa de ressoar em todo momento que passamos ou vemos a indignância de muitas pessoas. Por que escolhemos deixar esta parcela significativa da humanidade a permanecer nesta condição de sub-humanos? Deus nos pergunta a todo momento, como perguntou a

Caim, “onde está o teu irmão?” E o mais importante que queiramos ser melhores que Caim que de modo despreocupado responde: “Não sei. Acaso sou guarda do meu irmão?” (Gn 4,9).

Nossa paixão pelo “bode expiatório” pode logo argumentar em nosso favor, afinal, não nos lançamos de forma violenta para matar o nosso irmão, como aconteceu

entre Caim e Abel, no entanto, me permitam citar uma homilia de São João Crisóstomo, quando ele reflete sobre o homem rico e o pobre Lázaro: “Ainda que não houvesse castigo e não nos esperasse no Reino dos Céus, deveríamos ao menos respeitar nossa raça e nossa linhagem, isto é, comover-nos diante do que padece como nós. Em vez disso, criamos cães ... e outras feras diversas, mas deixamos que a pessoa humana morra de fome. Merece de nós mais estima o animal estranho que a nossa própria espécie (Homilia 6 sobre Lázaro. PG 48,1034). Por certo, mesmo que esta homilia seja do século IV, continua preservada pelo sal da profecia, fazendo-nos pensar se depois de tanto tempo nos aproximamos do que é o Ser Humano querido por Deus, tendo como modelo Nosso Senhor Jesus Cristo, a Virgem Maria, São José, etc., ou se nosso horizonte de humanidade consiste em caminhar na direção contrária de nosso Senhor e dos seus santos.

Neste momento da nossa reflexão, é necessário acrisolar os referenciais da nossa vida, pois parece subsistir uma certa incompreensão sobre a verdadeira nobreza humana, especialmente numa época em que são exaltadas pessoas pobríssimas em humanidade e que qualquer ideia

aberrante que digam são impostas como verdade, influenciando uma grande parte do povo com ou sem instrução. Para os que creem em Jesus Cristo ele é o caminho, a verdade e a vida, o único caminho que leva ao Pai (Jo 14,6). Deste modo, nos chama atenção, quando no capítulo 16,19-31 do Evangelho de São Lucas, Jesus chama ao pobre pelo nome e o rico não é nomeado. São Beda, o venerável, nos ensina através do seu comentário a este Evangelho que embora “o povo costuma saber melhor os nomes dos ricos do que o dos pobres, o Senhor, porém, diz o nome do pobre, mas não o do rico. Porque Deus conhece e ama os humildes, mas ignora os soberbos. E por isso, aos que venham a presumir do poder de suas obras, lhes dirá no último dia: *“Não vos conheço; afastai-vos de mim, todos vós que praticais a iniquidade”*” (Lc 13,27). É por isso, que ainda, na mesma dinâmica dos

Padres da Igreja, retornamos ao pensamento de São João Crisóstomo ao nos ensinar que “a verdadeira riqueza não está em se enriquecer, mas em não querer enriquecer (Tg 5,1-6). Pois o que quer enriquecer necessita de bens e dinheiro; mas o que não quer se enriquecer está sempre satisfeito”. Ele não pretende caluniar a riqueza, pois entende que a riqueza acompanhada de boas

> > >



Pintura: Cândido Portinari
 "Peregrinos" (recorte)
 Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (SP)

obras, são boas elas também (Ef 4,28). Daqui compreendemos, que da graça da riqueza decorre a responsabilidade das boas obras, caso contrário ela te conduzirá para a perdição, afinal, se Deus lhe deu a graça de ser afortunado, deu a você também a responsabilidade de se comprometer com a vida do seu irmão. A Graça, ao longo da Sagrada Escritura, é sempre em favor dos irmãos e nunca para um somente, pois Deus não faz acepção de pessoas (Mt 5,45).

Depois de alguns ensinamentos para purificar a nossa fé e abrir o nosso entendimento, chegamos ao tema da Campanha da Fraternidade (CF) 2023, Fraternidade e fome. Pela terceira vez, entre as 60 edições da CF, o tema da fome é refletido e sempre em comunhão com Congressos Eucarísticos, neste caso, o 18º Congresso Eucarístico Nacional realizado em Recife, de 11 a 15 de novembro de 2022, com o tema “Pão em todas as mesas”. É importante recordar essa ligação, porque ela deixa mais claro a ligação que tem o Pão do Céu, a Eucaristia, necessário para a nossa comunhão com o Senhor da nossa vida e alimento constante para nossa vida espiritual, presença de Deus mesmo em nós, e o pão cotidiano que mata a fome diária, nos concedendo energia para realizar as boas obras no mundo, para trabalhar, para viver. A falta de qualquer um desses pães resulta morte. Não há prioridade entre um e outro, mas complementariedade, pois ambos revelam o cuidado de Deus com seus filhos.

Enfrentamos uma crise sanitária mundial, a Covid 19, que matou milhares de pessoas. Para além das implicações na saúde, ela trouxe implicações em todos os aspectos da vida humana, dando muito mais força ao espectro da fome, de modo que pessoas que nunca tinham experimentado a insegurança alimentar, agora são assombradas por ele. A pandemia, além da crise sanitária, nos mostrou várias crises que vivíamos desde há muito, mas até então encobertas por uma aparente normalidade de funcionamento do mundo. Por isso é preciso nos empenhar como irmãos para enfrentarmos essas crises, buscando soluções inteligentes e justas, tendo como ponto de partida a Palavra de Deus, sempre viva e eficaz. E a Igreja nos apresenta esse ponto de partida tão oportuno e necessário. Cuidar das pessoas, especialmente as que passam fome deve ser nossa primeira tarefa, são nossos irmãos, filhos do nosso Pai que está nos céus. “Como podemos amar a Deus que não vemos e não amar o irmão que vemos?” “É impossível amar a Deus sem amar aos que ele ama”, nos disse São Vicente de Paulo.

O texto base da CF 2023 nos ajuda a refletir com verdade e profundidade a realidade complexa da fome, nos apresentando reflexões bíblicas oportunas, entre elas, o lema desta campanha, “Dai-lhes vós mesmo de Comer” (Mt 14,16). Jesus não nos dá uma ordem injusta, assim não dependerá de esforços heróicos para cumpri-la, mas apenas obediência à sua Palavra. Pois acreditamos que Deus não criou o mundo faltando pedaço e cremos que todos ser que existe é pela vontade de Deus que existe, e, seria ilógico pensar que Deus permite que alguém viva para padecer de fome. A fome não é vontade de Deus, mas resulta da forma como nós organizamos o mundo. Há alimento para todos. É preciso que, como pessoas humanas livres e tementes a Deus, decidamos dividir o que é para todos. Comida não é mercadoria, é dom, fruto da terra e do trabalho humano. A partilha não gera a pobreza extrema, mas a falta dela sim.

Por isso é preciso nos empenhar como irmãos para enfrentarmos essas crises, buscando soluções inteligentes e justas, tendo como ponto de partida a Palavra de Deus, sempre viva e eficaz. E a Igreja nos apresenta esse ponto de partida tão oportuno e necessário. Cuidar das pessoas, especialmente as que passam fome deve ser nossa primeira tarefa, são nossos irmãos, filhos do nosso Pai que está nos céus.

Além de um olhar sobre a fome a partir da fé, o texto base nos ajuda a tomar consciência sobre as causas da fome, a partir do parágrafo 45, que chamo a atenção para a questão do emprego e renda. Afinal, quantas pessoas, como feras, ousam lucrar em cima da desgraça das pessoas, fazendo continuar as situações de subemprego e as de trabalho análogo a escravidão, pagando salários abaixo do que é legal, salário mínimo, e aproveitando da necessidade extrema dos pobres para pagar diárias ínfimas, que para além da ilegalidade se mostra como imoralidade. Sede, falta de higiene, moradia, má ali-

mentação, ecologia e tantas outras realidades que clamam por atenção, justiça e caridade.

Por fim, existem iniciativas importantes que podem ser realizadas por nós, individualmente, como comunidade de fé, como Família Vicentina, como Igreja. O texto base nos ilumina a partir do capítulo IV – Agir, parágrafo 157. Afinal, diante deste dragão que devora os filhos de Deus temos a impressão que nada podemos fazer. Mas ações que transformam a realidade da fome são possíveis e uma maneira eficaz de fazermos a experiência de Ressurreição nesta Páscoa. Se fizermos a vontade de Deus e agirmos em comunhão com Ele, não conheceremos a derrota. Afinal, quem é capaz de enfrentar um povo que marcha com seu Deus? Até o mar fugiu (Sl 114). Tudo é possível ao que crê (Mc 9,23) por que nossa força não está em nossas potências, mas no nome do Senhor que fez o céu e a terra (Fl 4,10-13). Deus está no meio de nós. ■

Pe. Alexandre Nahass, CM

Espiritualidade Vicentina e as Bem-Aventuranças

“Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” (Mt 5, 4)

“**B**em-aventurados os que choram, porque serão consolados” nos introduz à realidade daqueles que sofrem, e dos que choram, mas daqueles que choram pelo Reino. Para alguns, o pranto é expressão de fraqueza. Para outros, é sinal de dor, temor e medo. Para outros, também, é expressão de tristeza e sofrimento. O pranto pode ser causado, também, pela emoção, conforme o motivo e o momento. O pranto é uma expressão do espírito, daquilo que se carrega no coração e na vida. Como diz o salmista: “Minhas lágrimas se converteram em alimento dia e noite, enquanto me repetem, sem cessar: Teu Deus, onde está?” (SI 44,1). Ele chora porque, buscando o seu Deus, sabe que sem Ele não pode viver. Deus é o único que pode satisfazer preencher o coração do ser humano.

O que significa chorar pelo Reino? Chorar pelo Reino é sinal de que se descobriu Deus presente na vida, em cada acontecimento, mesmo nos momentos difíceis. Chorar pelo Reino é não ter medo do sacrifício que a conversão exige, porque o Senhor nos mostrou um caminho com dificuldades, um caminho de cruz. Aceitar a cruz é aceitar o caminho de Cristo. Seguir Jesus supõe estar na cruz com Ele. Os primeiros cristãos se comportaram assim, deram testemunho de sua fé com sua própria vida. Os primeiros séculos da Igreja foram cheios de mártires e de testemunhas da fé.

Aquele que faz a escolha por Jesus e pelo seu Reino pode experimentar dor e sofrimento. Mas, o que é ainda mais terrível e doloroso, é quando queremos colocar Deus em nossos esquemas e não o conseguimos. É necessário chorar muito para entrar nos esquemas de Deus. Não é fácil descobrir e aceitar a vontade de Deus. Resistimos à vontade de Deus, sobretudo quando esta é difícil e dolorosa. Preferimos seguir o caminho que nós nos traçamos, à nossa maneira, mas a Palavra de Deus chega e desfaz todos os nossos planos, pois é necessário chorar muito para aceitar e continuar o caminho.

A experiência de Deus que os Santos fizeram obrigou-os a chorar, a resignar-se diante dos desígnios de Deus e a viver errantes neste mundo. Esta experiência de Deus obrigou-os a viver um despojamento contínuo, uma separação dos seus projetos pessoais. Viver uma contínua renúncia sempre provoca dor e sofrimento. Felizes os que choram por causa de seus males, mas que depois suspiram o bem que só Deus pode lhes dar.

Esta Bem-aventurança nos ajuda, também, a contemplar “as lágrimas de Deus”, num grito de dor. Quando Jesus viu a multidão, sentiu compaixão deles porque estavam “cansados e abatidos como ovelhas sem

pastor” (Mt 9, 36). Abraçar essa Bem-Aventurança é ajudar a experimentar o Evangelho, é consolar os que sofrem e choram, particularmente os mais pobres.

Quem são os Bem-aventurados? Bem-aventurados são aqueles que choram, aqueles que assumem seus erros e trabalham para superá-los, saindo de si mesmos. São aqueles que não buscam a culpa por seus sofrimentos e penas. São aqueles que não permanecem inativos, abatidos, mas que se levantam de suas quedas, esforçando-se para superar seus males e viver com esperança.

Com São Vicente, poderíamos criar a seguinte Bem-aventurança: Bem-aventurados os que sofrem. Buscando crescer espiritualmente, eles alcançarão a perfeição na caridade! Os que choram pelo Reino são aqueles que se esforçam para descobrir e conseguir o Reino. Eles se mortificam sem cair num masoquismo vazio pelo Reino dos Céus. Descobrir o Reino não é algo fácil, porém, não está fora do nosso alcance, evidentemente que, exige sacrifício, constância e empenho.

São Vicente de Paulo, embora tenha vivido numa época onde a mortificação era primordial para conseguir uma vida santa, não faz da mortificação um valor em si mesmo. Para ele, a mortificação é um meio e não um fim na hierarquia espiritual dos valores; ele é realista e conhecedor da vida espiritual, por experiência. Ele sabe que os pobres vivem em constante mortificação, que é a condição de vida habitual dos mais vulneráveis. Já que permanecem na miséria com a incerteza do dia de amanhã. Portanto, as pessoas

que têm o futuro seguro também devem buscar viver a mortificação e chorar pelo Reino. Fazemos parte deste grupo. Os pobres não precisam viver prioritariamente a mortificação, esta já é o seu pão cotidiano! Chorar pelo Reino é participar das privações, das angústias e sofrimentos dos pobres. Aproximar-se dos pobres é partilhar com eles de seus sofrimentos, de suas precariedades e de sua realidade sofrida.

Chorar pelo Reino é vencer, embora isto exija muito sacrifício, nossas preguiças na oração, na missão e na vida comunitária. É dominar nossa língua e rancores. Em 9 de dezembro de 1657, São Vicente diz: “É mister, bem o vedes, ou fazermos penitência, ou arrastarmo-nos sempre com as mesmas imperfeições, sem nunca nos assemelharmo-nos, em nada, a Nosso Senhor.” (Coste X p. 716). São Vicente nos exorta a levar uma vida plena, uma vida que tenha sentido, assumindo em nós, a própria vida de Nosso Senhor. Finalmente, chorar pelo Reino é buscar por meio do sacrifício, o que o nosso Santo chamaria de “perfeição da Caridade”. ■



Pe. Dejair Roberto de Rossi, CM

Padre Luiz de Oliveira Campos, CM

1931 - 2023



Nunca fui seu aluno nos tempos de formação. Mas tive a alegria de conviver com ele por mais de 10 anos: um em São Paulo, dois quando foi pároco da Paróquia São José, no Calafate, e nos últimos anos, como vigário paroquial e superior da casa do Calafate. Tempo esse em que pude conhecê-lo mais de perto e apreciar os seus muitos dons e qualidades.

Natural de Rio Pomba, Minas Gerais, onde nasceu aos seis de junho de 1931, filho de Francisco Teixeira de Oliveira e Libergina Laura de Campos, Luiz foi o terceiro de quatro irmãos. Apesar do profundo testemunho cristão de seus pais e da excelente catequese recebida na paróquia, jamais passara pela sua cabeça tornar-se padre. Foi a partir do contato com os seminaristas da PBCM, que costumavam passar férias em Rio Pomba, que despertou para o sacerdócio. E então, aos 28 de setembro de 1943, aos 13 anos de idade, entrou para a Escola Apostólica do Caraça.

Creio que não valha a pena falar aqui da saudade, dos momentos de solidão e de angústia, que mal entrando na adolescência, experimentou no Caraça, distante do ambiente familiar, do carinho materno, envolvido naquela disciplina rígida do famoso Colégio. Apraz-me muito mais falar de suas alegrias, de seu desenvolvimento intelectual, que o manteve sempre entre os melhores alunos, de seu aprimoramento humano, de seu aprofundamento na fé, do aperfeiçoamento do seu caráter e das belas amizades que foi construindo, sob a guia de sábios mestres e doutos professores.

Aos oito de dezembro de 1948, o jovem Luiz conclui seus estudos no Caraça, e aos 22 de janeiro de 1949, após um período de férias com a família, ingressou no Seminário Interno, em Petrópolis. Foram dois anos de intensos estudos sobre vida e obra de São Vicente de Paulo, a espiritualidade vicentina, as Regras e práticas que o Santo Fundador deixou para seus missionários, e sobre a Congregação da Missão, que se espalhou pelo mundo. Seu mestre foi um homem de tiques desajeitados, mas que a todos encantava com sua sabedoria e santidade: o Padre José Luís Saraiva. Aos 22 de janeiro de 1951, lá mesmo, em Petrópolis, iniciou os estudos de filosofia e teologia. E apesar do novo contexto e das novas disciplinas com as quais se deparou, continuou a destacar-se pela inteligência e fantástica memória. Dois anos depois, em 1953, fez os Votos Temporários, e em 1955 emitiu os Votos Perpétuos na Congregação da Missão. Aos 14 de outubro de 1956, na capela do Seminário São Vicente de Paulo, em Petrópolis, juntamente com o Padre Antenor Pinto de Rezende, foi ordenado sacerdote pela imposição das mãos de dom Manoel Pedro da Cunha Cintra, bispo de Petrópolis.

Como faz bem a todos nós, do alto dos 25 anos, quatro meses e dez dias de idade, olhar para a caminhada de neo-sacerdote e nela contemplar a eleição, o chamado divino e a ação providencial de Deus, desde sua origem simples e humilde, na pequenina Rio Pomba, passando por sua formação intelectual, moral e cristã no Colégio do Caraça; chegando a seu aprimoramento vicentino, filosófico e teológico no Seminário de Petrópolis.

Estamos sim diante de um homem, de um sacerdote e de um missionário vicentino, em quem a graça não foi estéril. De tantos companheiros, alguns talvez com melhores condições materiais, espirituais, intelectuais e humanas, que peregrinaram pelo mesmo caminho, somente dois chegaram ao fim. Por que eles e não os outros? Não há resposta. Como em toda história vocacional, desafia-nos o mistério: como entender o entrelaçamento do humano com o divino, a comunhão da graça com a vontade humana, a síntese dos opostos: de um lado, um Deus onipotente e onisciente que elege, chama, envia, e, de outro, um ser frágil, limitado, cheio de paradoxos, que diz sim. Mais que querer entender ou explicar, cabe-nos calar, respeitar, admirar, contemplar e agradecer.

Sua primeira colocação foi em Fortaleza, como professor no Seminário Maior e Menor da Prainha, onde tomou posse aos 7 de fevereiro de 1957.

No ano seguinte, aos 8 de dezembro de 1958, foi enviado ao Seminário Maior São José, em Mariana. Aí exerceu o cargo de professor e disciplinário. Em janeiro de 1961, retornou ao seminário da Prainha, onde ensinou tanto no Seminário Maior como no Menor. Dois anos depois, em 1963, recebeu a quarta colocação. Foi para o Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Brasília. Exerceu os cargos de professor e disciplinário. Em 1965, recebeu a quinta colocação: Casa Central no Rio de Janeiro. Morando no Rio, tornou-se capelão, aluno e professor de religião da Universidade Santa Úrsula. Fez o curso de letras e especializou-se em línguas e literatura portuguesa e francesa.

A sexta colocação aconteceu em janeiro de 1967. A cidade é Petrópolis, o local, seu velho conhecido: o Seminário São Vicente de Paulo, onde foi professor e ecônomo. No ano seguinte, foi para Campina Verde, no Triângulo Mineiro, onde exerceu, por quatro anos, o cargo de diretor do Colégio, de professor e superior da comunidade dos Padres e irmãos. Em janeiro de 1972, Padre Luiz foi enviado à Assis, em São Paulo, onde assumiu o cargo de diretor da comunidade dos seminaristas, que frequentavam as aulas nos colégios da cidade. No ano seguinte, tornou-se professor no Ginásio Estadual São Vicente de Paulo, em Irati, Paraná. Foi a sua nona colocação.

A décima aconteceu em 1974, no Patronato Afonso Pena, em Santa Bárbara, Minas Gerais. Atuou como professor e superior da comunidade. Em 1975, afastando-se das lides de professor, diretor de colégio ou seminário, foi para a Paróquia Santana, de Bambuí. Primeiramente trabalhou como missionário, atendendo à zona rural. Um ano depois, assumiu como pároco, serviço que desempenhou até 1980. A décima segunda colocação ocorreu na Paróquia São José do Calafate, onde se tornou vigário paroquial.

Em setembro de 1981, foi para o Santuário São Vicente de Paulo, no Moinho Velho, bairro do Ipiranga, em São Paulo. Ali foi pároco e superior da comunidade, por três anos. Foi nomeado, em 1984, diretor das Filhas da Caridade da Província do Recife, em Pernambuco. Nesta função, permaneceu por seis anos, até 1990, quando >>>



Pe. Luiz, junto à comunidade da paróquia São José, celebrando seus 90 anos.

recebeu a 15ª colocação, assumindo novamente os cargos de pároco de Bambuí e de superior da comunidade. Cinco anos depois, Padre Luiz encontrou-se no Caraça. Foi auxiliar do Padre José Tobias Zico, na administração e na guia e atendimento dos turistas.

Em janeiro de 1997, retornou à paróquia São José do Calafate. Assumiu como pároco e superior da comunidade. E, meses depois, foi eleito vigário forâneo. A décima oitava colocação ocorreu em 2003. Padre Luiz foi nomeado superior da comunidade e pároco da Paróquia Nossa Senhora das Graças, em Brasília. Após nove anos, em dezembro de 2011, foi transferido para o Rio de Janeiro, para o Santuário de Nossa Senhora das Graças, no Matoso, onde se tornou também capelão das Filhas da Caridade. A vigésima colocação foi rápida. Durou somente seis meses. E ocorreu novamente na Paróquia Nossa Senhora das Graças, de Brasília, onde foi vigário paroquial. Em 2015, padre Luiz retornou à Paróquia São José do Calafate, onde permaneceu por sete anos, até ser chamado à casa do Pai, no dia 24 de fevereiro de 2023.

Certamente, ao longo destes quase 92 anos de vida e 69 de sacerdócio, não faltaram asperezas, fadigas, dissabores, momentos de desânimo e frustrações. Mas é certo também que jamais faltaram a presença de Deus, a firmeza da fé, a certeza da esperança, a experiência da obediência, a abertura e acolhida do outro, a permanente disponibilidade missionária, a partilha generosa e competente dos inúmeros dons que a Providência lhe confiou com milhares de pessoas, em cursilhos de Cristandade, encontros de casais, equipes de Nossa Senhora, cursos, retiros, assembleias, reflexões, homilias, aulas, e tantos outros afazeres. É o caminho do missionário vicentino em contínua vontade de evangelizar, servir e fazer o bem, sempre criativo e zeloso, conforme ensinou São Vicente. Um caminho que jamais permite descanso, porque, para entrar na terra prometida, onde vigora a vida sem lacerações, é preciso percorrer bem o caminho, fazendo a constante experiência abraâmica de sempre demandar o Paraíso, mesmo que através de inúmeras estações e sobressaltos.

Por isso, Senhor,

- Obrigado por chamar à vida, escolher e chamar ao sacerdócio o Pe. Luiz, não em virtude de seus méritos, mas tão somente de vossos desígnios e bondade;

- Obrigado por acompanhá-lo e constantemente favorecê-lo com a vossa graça, ao longo de sua formação no Colégio do Caraça, no Seminário São Vicente de Paulo, em Petrópolis, e nos seus inúmeros trabalhos;

- Obrigado por chamá-lo a viver a sua consagração sacerdotal na Congregação da Missão, dedicando-se à formação do clero e à evangelização dos pobres, segundo a proposta de São Vicente;

- Obrigado pela saúde, sabedoria, determinação, humildade, responsabilidade e competência com que o dotastes para assumir e realizar as inúmeras tarefas que lhe foram confiadas nas 20 colocações que recebeu;

- Obrigado pelo dom da fé, da esperança, da prudência, da perseverança, da confiança em Vós com que o distinguistes, sobretudo nos momentos difíceis e tormentosos da caminhada da Igreja e da Congregação, quando tantos de seus companheiros trocaram de caminho;

Padre Luiz,

- Obrigado pela resposta sempre pronta e generosa que deste à escolha, ao chamado e ao envio do Senhor, fazendo de Jesus Cristo a orientação básica de tua vida, a quem, por quase setenta nos, anunciaste e em nome de quem agiste, como sacerdote;

- Obrigado pelas muitas qualidades trabalhadas e aperfeiçoadas ao longo de tua existência e colocadas a serviço do Evangelho, da Igreja, da Congregação da Missão, dos Pobres, dos Coirmãos, Padres, Seminaristas, Filhas da Caridade, religiosos e religiosas, leigos e leigas que surgiram ao longo do teu caminho;

- Obrigado pelo testemunho de fé, pela permanente disponibilidade em servir, evangelizar, ensinar, pela convivência fraterna e amiga que dispensaste a todos quantos se aproximaram de ti;

- Obrigado pelos longos anos de sacerdócio e por não deixares que este dom maravilhoso ficasse em vão, mas florisse e produzisse abundantes e valiosos frutos.

A ti, Padre Luiz, dizemos: Adeus! Ou até logo! Que o Senhor seja a tua recompensa infinita. Amém. ■

Pe. Allan Júnio Ferreira, CM

“Chamou os que ele quis”... (Mc 3, 13a)

A importância de revisitar a nossa história vocacional

Nossa vida é marcada por luzes e sombras, altos e baixos, desafios e conquistas. É no chão da nossa história que crescemos e desenvolvemos nossas potencialidades criativas, assim como amadurecemos nossa personalidade. Ao fazermos um exercício de voltarmos às fontes da nossa vocação, perceberemos que em nosso itinerário vocacional está presente aquilo que somos e construímos ao longo da caminhada.

No capítulo terceiro do Evangelho de Marcos, vemos uma cena que, para muitos, pode ser um tanto comum. Ao lermos esse Evangelho com certa frequência, em nossos círculos religiosos, veremos que se trata do chamado dos Doze (cf. Mc 3, 13-19). Certamente, esse relato do evangelista Marcos não nos é desconhecido e muito menos estranho aos nossos olhos. Jesus pretende ampliar a sua missão e, por isso, constitui um grupo. Chama pessoas para participar mais intimamente da sua missão e vocação. É o novo povo de Deus nascente!

Esse novo povo é constituído por pessoas comuns, simples, pobres e pecadoras. Não são as mais cultas, religiosas e muito menos da casta sacerdotal de Israel. São pessoas que vivem do trabalho: pescadores, pastores, zelotas e, até mesmo, cobradores de impostos. Alguns sonham alto e almejam poder, outros querem a glória do Messias. O grupo possui motivações diversas e imaturas, mas, existe algo em comum entre eles: o Senhor os chamou.

“Chamou os que ele quis” (Mc 3, 13a). Essa afirmativa de Marcos evidencia que, para Jesus, não interessa as incongruências do passado ou a imaturidade do presente. Ele chamou pessoas para serem participantes da sua missão e, como um bom pedagogo, ofereceu métodos para o crescimento e o amadurecimento dos chamados.

O caminho do discernimento vocacional é dinâmico e é um instrumento para que a pessoa se reconcilie com a sua história. Muitos que desejam uma vida de consagração estão profundamente machucados ou fragilizados por aspectos vividos em sua história. É importante olhar para a nossa história de vida com o olhar da fé. Ela será a grande impulsionadora para uma reconciliação com o passado e caminho de entendimento e crescimento do presente. Mesmo as pessoas já consagra-

das necessitam desse olhar reconciliador com a história pessoal de vida. É necessário ter um olhar de fé sobre as diversas situações, desde o primeiro chamado.

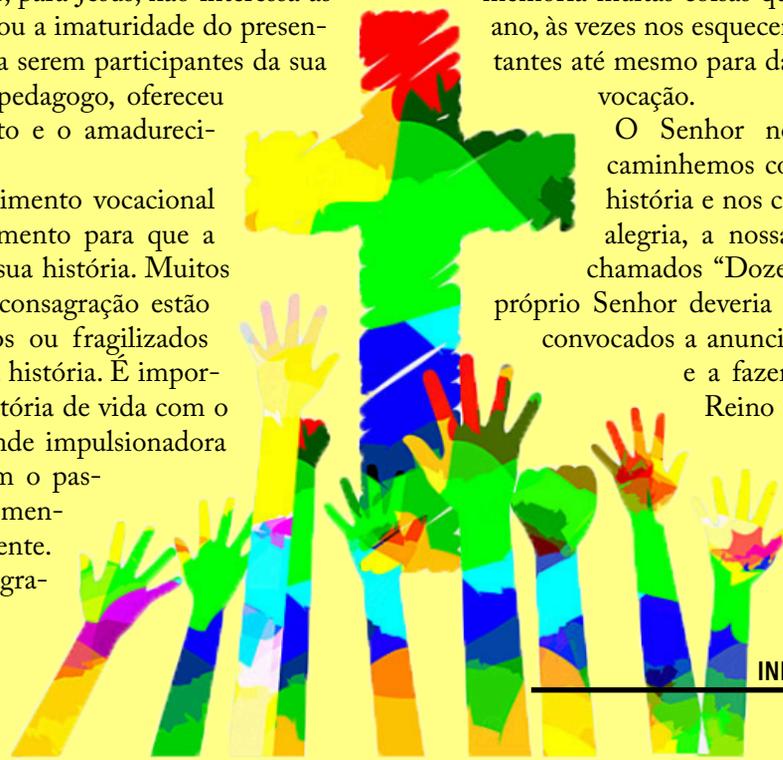
O chamado de Deus, que não se esgota, mas é chamado constante, portanto um chamamento, foi realizado em um determinado momento da nossa história, em um contexto bem concreto, no seio de uma família e comunidade e continua a ressoar ainda hoje em nossos projetos de vida. Devemos estar atentos a esse chamamento divino que acontece em meio a tantos barulhos exteriores. Estamos cada vez mais cercados de ruídos interiores, mas Deus não deixa de nos falar ao coração.

Em um pequeno exercício de recordação, pergunte-se e responda: Quando senti pela primeira vez o chamado de Deus para uma vocação específica? Qual foi a minha reação diante desse chamado? O que eu estava fazendo quando ouvi a voz do Senhor? Qual era o contexto que vivia naquele momento? A minha resposta primeira foi positiva ou negativa? Tentei ignorar o chamado de Deus ou disse sim a minha vocação? Tive apoio da família, amigos, comunidade de fé? Qual foi a reação deles?

Para aqueles que já se consagraram em um ministério específico: Como foi minha caminhada formativa? Houve alguma dificuldade? Quem foram os meus formadores? Onde ficava a casa de formação? Quando emiti os votos? E a ordenação? Quem presidiu essas celebrações? Hoje estou realizado em minha consagração?

Esse pequeno exercício ajudará a trazer de novo a memória muitas coisas que, pela correria do cotidiano, às vezes nos esquecemos do quanto são importantes até mesmo para dar um novo ânimo à nossa vocação.

O Senhor nos chamou e quer que caminhemos com ele. Ele assumiu nossa história e nos convida a assumirmos, com alegria, a nossa missão. Outrora, foram chamados “Doze” para fazer aquilo que o próprio Senhor deveria fazer. Hoje somos nós os convocados a anunciar a Boa Nova aos pobres e a fazer com que a dinâmica do Reino continue acontecendo (cf. Lc 4, 18). Ele chamou os que quis e eles foram para junto dele, a construir uma bela e salvífica história. ■



Ir. Adriano Ferreira, CM

Padre Lauro Palú, CM

1939 - 2023



Salve, Padre Lauro Palú !*

Poeta. Fotógrafo. Cientista. Educador. Formador. Missionário. Padre Lauro Palú foi um humanista com H “maiúsculo”. Isso porque sabia de tudo um pouco e muito de muita coisa. Hoje nos reunimos aqui, nesta eucaristia, para lembrar e, por que não, celebrar a sua vida. E quantas memórias ele nos deixa. Há tanta coisa para dizer sobre o Padre Lauro, que não sei direito nem por onde começar. Talvez seja bom falar um pouco acerca de algumas das coisas que ele fez ao longo de sua vida. Não vou me ater ao rigor das datas e tenho certeza que vou esquecer coisas importantes.

Sei que o Padre Lauro trabalhou como formador nos seminários de Mariana e Aparecida. Foi diretor do Colégio São Vicente de Paulo por mais de vinte anos, somadas as duas passagens. Foi Assistente Geral da Congregação da Missão por dois mandatos, quando morreu em Roma por mais de uma década. Por fim, nos seus últimos anos, foi Superior do lugar que mais amou na vida, o Santuário do Caraça. Realizou outros tantos trabalhos na Congregação, pregou incontáveis retiros, escreveu centenas de conferências, publicou inúmeros artigos em jornais e revistas diversos. Enquanto Assistente Geral rodou o mundo e por onde passou deixou sua marca. Gostava de contar histórias pitorescas, por exemplo, sobre como andou de motáxi no trânsito caótico de Hanoi, no Vietnã; ou sobre quando celebrou a eucaristia debaixo de um baobá, em Moçambique. Como gostava de contar causos e piadas! Era bom nisso. As noites de vigília à espera do lobo guará no Caraça nunca mais serão as mesmas sem o seu “Guará, Guará, Guarazinho”. O certo é que por trás do semblante sério, o Padre Lauro era uma pessoa de boa prosa, afetuoso e querido por todos. Quem não se lembra dele ao pé da escada do CSVP, dizendo bom dia, bom dia?

Na boca do Padre Lauro tudo se transformava em poesia. Era um escritor de rara fineza de estilo. Quem não se lembra dos belíssimos textos que compartilhou conosco, seja na semana pedagógica, ou introduzindo as apresentações dos grupos de teatro e dos corais? Poeta também da imagem, a partir do seu olhar o mais desinteressante dos homens, a formiga mais desconjuntada, o líquen mais esquecido, o lobo mais tímido, tudo se convertia em arte fotográfica. Convivendo com o Padre Lauro, aprendi como era bom ler o mundo por meio daquilo que ele dizia, aprendi como era bom ver o mundo através de suas lentes.

Trabalhando com o Padre Lauro, no Colégio São Vicente, aprendi que ser professor é pouco, porque o

professor apenas ensina. Que ser educador, também não basta, porque o educador ensina e aprende, mas para por aí. É preciso ir além, temos que nos transformar em formadores. Ensinando, aprendendo e dando o exemplo. Aprendi que nunca devemos impor limites a ninguém, mas devemos estimular o crescimento de todos. Aprendi que nunca devemos falar “dos” outros, mas “com” os outros, a passar do espírito de crítica ao espírito crítico, do espírito de contradição à colaboração; ser imaginativo e criativo para superar os problemas; ver as dificuldades como forças de resistência, cuja direção tentaremos mudar, para que nos ajudem. Ver as coisas com esperança, otimismo, idealismo e fé.

Faz uma semana que o Padre Lauro cumpriu o seu destino e, junto dele, seu desejo de ser enterrado no Caraça (não nas Catacumbas, onde segundo ele, é escuro, frio e tem escorpião; mas no Cemitério das Sampaiais, onde bate sol e ele poderia ouvir o canto dos pássaros). Ainda em 2005 deixou este desejo de descansar no Caraça impresso num belíssimo poema, intitulado *Nesta Casa*, do qual transcrevo o trecho final aqui:

**E espero morrer aqui,
mesmo que o corpo, coitado,
caia num outro lugar.**

**Tragam para cá meus olhos,
deixem aqui minhas mãos,
plante meus pés neste chão.**

**E sentirão como, aos poucos,
irá voltar a bater
meu coração, encantado.**

Padre Lauro, hoje estamos aqui, agradecidos por sua presença entre nós, ao longo dos seus 83 anos terrestres. Por meio de nós, aqui presentes, por meio dos que te amam e que não puderam vir e pelos que não te conheceram, mas que ainda ouvirão falar de você, você será eterno. Um terno presente sempre entre nós. Salve, Padre Lauro! ■

*Texto produzido para homenagear o Pe. Lauro Palú, por ocasião da Missa de 7º dia do seu falecimento.

Sacha Leite

A obra poética de Padre Lauro Palú, CM

Projeto reúne poesias redigidas pelo sacerdote vicentino desde a juventude até o fim da vida

Padre Lauro Palú nunca deixou de fazer seus registros poéticos da existência, quer seja por seu olhar piedoso, pelas suas palavras amigas, pelo enquadramento poético escolhido para captar a beleza fugaz desse mundo em uma fotografia ou por formas diversas de juntar sons, palavras e sentidos, em poesia. Quanto a este último aspecto, boas notícias: há um grupo de trabalho dedicado a lançar as obras completas de Pe. Lauro Palú. O livro foi formado a partir da reunião de poemas escritos desde a sua juventude.

A redação do Informativo São Vicente conversou com o professor José Eduardo de Souza, o Zeduh, que conviveu com Pe. Lauro durante os anos em que trabalhou como professor de Ensino Religioso no Colégio São Vicente de Paulo, e também como voluntário em projetos sociais realizados pela PBCM. Como coordenador da equipe de produção editorial do livro, Zeduh conta como surgiu o projeto, quem participou do grupo de trabalho, como se deu o processo editorial e qual a perspectiva de lançamento desta importante obra.

ISV: Como surgiu o projeto do livro?

Zeduh: O projeto surgiu de um encontro entre o desejo expresso de Pe. Lauro Palú de ver a sua obra poética publicada e um grupo de amigos, muito vinculados a Pe. Lauro, sensibilizados e motivados com a possibilidade de dar publicidade a essa produção poética tão sensível e de qualidade. Registros poéticos que transpassam toda a vida de Pe. Lauro Palú, desde sua juventude até sua maturidade. O material foi reunido pela presença fraterna e cuidadosa de Pe. Sebastião de Carvalho Chaves, superior da Casa Dom Viçoso, derradeiro lar do Pe. Lauro Palú, e organizado pelos membros da família do Pe. Lauro, seu irmão Artur Palú Filho e seu sobrinho Artur Palú Neto, e de uma família amiga e próxima ao Pe. Lauro, formada pelo ex-professor do Colégio São Vicente de Paulo, José Eduardo de Souza, sua esposa Silvia Braña Lopez e seu filho, ex-aluno do CSVP, Pedro Braña Lopez da Silva. Esse grupo de trabalho serviu para apoiar, auxiliar e conceber conjuntamente o projeto de publicação da obra poética de Pe. Lauro. Desde então e diante da autorização ao grupo de trabalho pelo provincial Pe. Eli Chaves dos Santos, deu-se início a uma série de encontros na Casa Dom Viçoso. Com processos decisórios centrados em Pe. Lauro, toda sua obra poética se encontra hoje compilada, organizada e revista. Resultado de aproximadamente um ano de trabalho e de muita partilha de memórias, poesias e, de todo suporte de acolhimento dado ao grupo por Pe. Sebastião, na Casa Dom Viçoso e, em menor frequência, mas não menos importante, a atenção a algumas demandas de acesso a materiais de Pe. Lauro, dada ao grupo de trabalho, por Pe. Luís Carlos do Vale Fundão, superior do Santuário do Caraça. Atual-

mente, estão pendentes apenas a redação de pequenas seções de apresentação do miolo do livro e o encaminhamento da obra para a concepção do projeto gráfico e sua impressão.

ISV: Em que consiste o projeto do livro?

Zeduh: Consiste na publicação de todo o acervo poético de Pe. Lauro, de sua mensagem inspirada e inspiradora, que, ao ser publicada, poderá alcançar não somente aqueles muito próximos a Pe. Lauro, mas a inúmeros apreciadores e leitores de poesia. Está sendo organizado, nessa primeira edição, em três livros compilados em um volume único.

ISV: Como se deu o envolvimento do autor com o processo editorial?

Zeduh: Todo processo decisório esteve centrado no Pe. Lauro. Todo acervo poético é de autoria dele, assim como a definição final quanto à organização das poesias nos três livros que irão compor o volume único. Da mesma forma, as apresentações dos três volumes de cada livro foram por ele redigidas.

ISV: Quem são os envolvidos na edição e suas respectivas funções?

Zeduh: O irmão do Pe. Lauro, Artur Palú Filho, está na coordenação de todo o processo de revisão e organização dos escritos; seu sobrinho, Artur Palú Neto, tem partilhado sua experiência no sentido de viabilização e confecção da obra. O ex-professor do CSVP, José Eduardo de Souza, sua esposa Silvia Braña Lopez têm participado das deliberações do grupo de trabalho quanto à compila-



Sílvia, Zéduh, Padre Sebastião, Arthur e Padre Lauro, Belo Horizonte, 2022

ção e à organização dos poemas nos três volumes propostos. E, juntamente, com Pedro Braña Lopez da Silva, ex-aluno do CSVP, têm concebido a campanha de financiamento que logo será lançada, bem como estruturado toda a operacionalização dos recursos materiais necessários para esta primeira edição da obra poética de Pe. Lauro. Nesse sentido, somos gratos, posto que a divulgação de todos os esforços desse último ano nos canais de comunicação da Província serão muito valiosos para o fortalecimento e divulgação da campanha, favorecendo a adesão de colaboradores, amigos e admiradores de Pe. Lauro para a reunião de recursos que viabilizarão a publicação do livro que reunirá toda sua obra poética, diz o. O Pe. Sebastião assumiu um papel de orientador ao grupo, oferecendo algumas das instalações, estadia e suporte da Casa Dom Viçoso para a realização dos encontros de trabalho do grupo, o que fez com que o projeto pudesse, de fato, acontecer, na medida em que ele somente se iniciou e segue se realizando com a possibilidade de encontros presenciais.

ISV: Já foi definida a editora?

Zeduh: Esse ponto ainda segue em estudo. Já fizemos algumas consultas e estamos, neste momento, em tratativas iniciais com algumas editoras. Dessa forma, estamos analisando suas propostas, e ainda não foi definido se o livro será lançado por uma editora, mesmo sendo uma obra por encomenda, ou se consistirá em uma obra independente, distribuída em alguns pontos de referência da PBCM.

ISV: Como está o cronograma de publicação?

Zeduh: Desejamos e temos engendrado esforços para que aconteça ainda neste primeiro semestre de 2023. No entanto, sempre respeitamos muitíssimo as condições de produção e liderança de Pe. Lauro e, nesse sentido, as deliberações que ainda restam a ser tomadas para a efetiva impressão da primeira edição da obra poética de Pe. Lauro está a isso vinculada.

ISV: Como se dá a relação entre poesia e espiritualidade?

Zeduh: Leia o livro e você entenderá! E ainda, sentirá!

ISV: Quais são os recursos estilísticos utilizados pelo autor?

Zeduh: Rimas muito bem construídas, metáforas em abundância, regionalismos... O poeta Lauro Palú, em intimidade com a palavra, faz, com sua linguagem poética simples, mas forjada na escolha da melhor e mais sensível palavra, oferecer ao leitor um olhar distinto e único para aquilo que é corriqueiro, habitual. Dos mais extensos aos haicais, dos poemas de inúmeros versos à emoção que se apresenta em um único verso, tudo se dispõe como um convite para cada um se sensibilizar como aquilo que está próximo, presente e disponível ao nosso entendimento, de forma amorosa.

ISV: Pela sua experiência, como foi trabalhar com o Pe. Lauro?

Zeduh: Sempre uma imensa alegria e profundo aprendizado. Sua presença amiga, sua generosa partilha de conhecimento, estórias e "causos", fez cada encontro ser uma lembrança que levaremos conosco sempre. Um amigo querido, um paciente orientador, um favorecedor dessa conexão com a espiritualidade e a cultura.

ISV: Há algo que não perguntei, que gostaria de acrescentar?

Zeduh: Sim. O nosso pedido para aderirem à campanha que será lançada, para participarem da realização desse sonho de Pe. Lauro, que significa participarem da possibilidade de darem publicidade a um acervo poético singular, de fácil entendimento, mas com potência para sensibilizar as pessoas e contribuir para um modo de agir mais sensível, solidário e afetuoso. ■

Apoio alimentar

A PBCM, através de suas comunidades e de outros grupos, em regime de parceria, está ajudando mensalmente, até o presente momento, a 180 famílias de oito localidades diferentes, com uma cesta de alimentos. Nesta ação estão sendo atendidas pessoas localizadas nos municípios de Brasília, Campo Grande, Nova Iguaçu, Campina Verde, Serra do Ramalho, dentre outros.



Riacho Fundo II

A Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, em Riacho Fundo II-DF, continua a realizar a bonita iniciativa de preparar e distribuir “quentinhas” para as pessoas em situação de rua. Com recursos locais e desde o ano passado, o grupo de voluntários da Paróquia tem se dedicado regularmente a esta atividade de partilha solidária. Que esta iniciativa inspire muitas ações solidárias em favor dos que sofrem e vivem em situação de insegurança alimentar!

Novas Afiliadas

Atendendo a pedidos de Coirmãos aprovado pelo Conselho Provincial, o Superior Geral conferiu o Certificado de Afiliação à Família Vicentina à Ana Olinda de Brito Oliveira e Maria de Lourdes Brito Oliveira, de Campina Verde (MG), há mais de 40 anos presentes na missão da Congregação com sua amizade e colaboração.



Ordenações Diaconais

É com alegria que convidamos os amigos da PBCM e toda a Família Vicentina para a celebração eucarística em que os coirmãos Ir. Adriano Almeida Pires, CM, Ir. Fábio José da Silva, CM, Ir. Ramon Aurélio Jr. da Cunha, CM serão ordenados diáconos. A cerimônia realizar-se-á no dia 24 de junho de 2023, no Santuário do Caraça, pela intercessão das mãos de Dom José Airton dos Santos, arcebispo de Mariana-MG. Rezemos por suas vocações!



DICA DE FILME: ROSA E MOMO

Direção: Edoardo Ponti

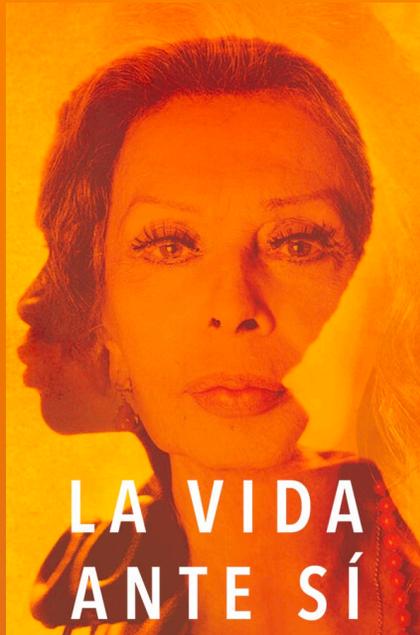
Lançamento: 2020

Disponível na Netflix

Momentos de felicidade vêm de pequenas demonstrações. Uma acolhida na hora certa, um abraço sincero, um singelo aperto de mãos, um presente dado de surpresa, um olhar compreensivo, a chance de ver o raiar do dia ou pôr do sol. A felicidade é tão fugaz quanto ver uma estrela cadente no céu; mas também é poderosa, marcante e capaz de mudar o mundo, de pouquinho em pouquinho, mesmo que o que vejamos ao nosso redor seja preponderantemente negativo, pesado e triste. Rosa e Momo é um pouquinho dessa felicidade, materializada por uma história simples, mas muito bem executada, que traz a atriz italiana Sophia Loren contracenando com o jovem estreado Ibrahim Gueye. Eles interagem representando duas gerações muito distantes entre si, que reúnem-se para trazer sorrisos e lágrimas aos rostos de seus espectadores.

A atriz, como Madame Rosa, é uma sobrevivente do Holocausto e ex-prostituta. Ela vive em uma cidade litorânea da Itália, cuidando de filhos de profissionais do sexo. A personagem ilumina cada momento que está em cena, a ponto de manter tudo igualmente claro quando ela também não está compondo determinada sequência do filme. E o melhor é que o personagem Momo, com quem ela mais contracena no longa, faz bonito em seu primeiro papel e consegue até mesmo, em alguns momentos, ficar de igual para igual com a atriz italiana, representando um garoto órfão senegalês que vive de furtos e que acaba se bandeando para o tráfico de drogas e morando com a distinta senhora.

Rosa é a idosa esquecida pelo mundo que carrega o terrível fardo de ter sobrevivido ao mais terrível genocídio da



história recente da humanidade, somado ao fato de ter sido prostituta. Momo é uma criança negra refugiada que foi expulsa da escola e que tem tudo para tornar-se um criminoso de carreira. Temos também a personagem Lola, que é uma mulher transsexual, distante da própria família, com um filho pequeno que volta e meia é cuidado por Rosa. O microcosmo marginal que eles formam é rico de significados em referência ao que os personagens representam e ao que viveram, em suas dificuldades e rótulos sociais.

Os laços de Rosa e Momo tornam-se cada vez mais fortes no filme, criando uma relação que não é nunca de conflito de gerações, mas sim de complemento de gerações. Rosa vê em Momo o filho ou neto que nunca teve e Momo encontra em Rosa o mais próximo possível da imagem de sua mãe, que ele guarda carinhosamente no coração. Sim, é simples desse jeito, mas nunca é piegas, nunca é melodramático e nunca é bobo. Ao contrário, são vidas simples que carregam fardos inenarráveis entrelaçando-se e tornando-se uma coisa só, com um olhar esperançoso para o futuro.

Somam-se ainda, os comentários políticos, sociais e históricos trazidos de maneira não-intrusiva pelo roteiro, além de uma constante demonstração de que a felicidade existe nas atitudes mais simples na vida. Portanto, este pequeno filme ajuda-nos a compreender "a ditadura da felicidade", que defende que a busca por ser feliz virou um negócio que vende um modelo de vida irreal, donde para sermos felizes precisaríamos aprender a sermos infelizes. ■

Pe. Alexandre Nahass Franco, CM

DICA DE LIVRO: RELIGIÃO E A DEMOCRACIA BRASILEIRA

Autor: Amy Erica Smith

Editora: Vozes

À medida que a democracia brasileira enfrenta uma crise de legitimidade, crescem as divisões políticas entre cidadãos católicos, evangélicos e não religiosos. O que causou a polarização religiosa na política brasileira? A política religiosa fortalece ou enfraquece a democracia? *Religião e a democracia brasileira* – Dos bancos das igrejas para as urnas usa anedotas envolventes e se baseia em uma riqueza de dados de pesquisas e experimentos de pesquisa com clérigos, cidadãos e legisladores, para explicar as causas e consequências das "guerras culturais" do Brasil. Embora os partidos políticos criem conflitos de guerra cultural em democracias estabelecidas, no fraco sistema partidário do Brasil, os líderes religiosos, em vez disso, geram divisões. O clero alavanca a política legislativa e eleitoral estrategicamente para promover seus próprios objetivos teológicos e ajudar seus grupos religiosos a competir. No processo, eles geralmente lideram políticos e congregados. Em última análise, a política religiosa empurra a política brasileira para a direita e fragmenta ainda mais os partidos. No entanto, *Religião e a democracia brasileira* também demonstra que a política liderada pelo clero estabiliza a democracia brasileira e aumenta a representação (sinopse da editora). ■



“Passar do espírito de crítica ao espírito crítico, do espírito de contradição à colaboração construtiva; ser imaginoso e criativo para superar os problemas; ver as dificuldades como forças de resistência, cuja direção tentaremos mudar para que nos ajudem. Ver as coisas com esperança, otimismo, idealismo e fé.”

- Padre Lauro Palú

